



**Susana Raquel
Seixeiro da Silva**

**A Língua Portuguesa como mediadora entre a China
e Angola**



**Susana Raquel
Seixeiro da Silva**

**A Língua Portuguesa como mediadora entre a China
e Angola**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas e Relações Empresariais, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Teresa Costa Gomes Roberto Cruz, Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e sob a coorientação da Dr.^a Tianbo Li, Mestre em Estudos Ingleses.

Dedico este trabalho à minha família e aos meus amigos pelo seu apoio incondicional.

o júri

presidente

Professora Doutora Ana Maria Martins Pinhão Ramalheira
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Professora Doutora Zélia Maria de Jesus Breda
Professora Auxiliar Convidada da Universidade de Aveiro (arguente)

Professora Doutora Maria Teresa Costa Gomes Roberto Cruz
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (orientadora)

agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, a Professora Doutora Maria Teresa Costa Gomes Roberto Cruz, pelos seus ensinamentos, pela paciência, pela disponibilidade e pela confiança que depositou em mim.

Um muito obrigada também à minha coorientadora, a Doutora Tianbo Li, pelos seus ensinamentos e orientações que me permitiram encontrar mais informação sobre a cultura e história chinesa.谢谢您!

Às minhas colegas de trabalho no Instituto Superior de Línguas Estrangeiras de Hunan, Carolina Yuan e Paula Lei, pela sua ajuda na correção das traduções dos inquéritos para chinês.

Aos meus alunos do ISLEH, pela disponibilidade para participarem neste estudo.

Aos meus pais e irmã, pelo apoio e paciência durante as fases mais difíceis.

Aos meus amigos, em especial Fábio, Isabel, Amandine, Uiara e Sílvia, pelas palavras de força e confiança que sempre me transmitiram.

palavras-chave

Língua Portuguesa; aprendizagem de português; motivação; China; Angola.

resumo

A presente dissertação apresenta uma reflexão sobre as motivações que conduzem ao crescente interesse pela língua portuguesa na China. O estudo empírico tem por base o caso do Curso de Bacharelato em Língua Portuguesa, no Instituto Superior de Línguas Estrangeiras de Hunan. Neste contexto, foram aplicados questionários aos estudantes chineses do Curso de Língua Portuguesa, nesse instituto. Sublinhe-se que nenhum destes sujeitos tinham conhecimentos prévios de Português. A partir da análise dos dados obtidos, podemos identificar as motivações que levaram estes estudantes a procurar o curso de língua portuguesa. Dentro dos principais resultados, conseguiu-se perceber que o interesse pela aprendizagem de língua portuguesa relaciona-se com as políticas de cooperação entre a China e Angola e o facto de a língua portuguesa ser a língua política e de negócios nesse país africano, tornando-a, por isso, numa língua franca, uma ferramenta de comunicação entre a China e Angola. A crescente procura de trabalhadores chineses com conhecimentos de português e o facto de a língua portuguesa não ser tão geralmente conhecida quanto a língua inglesa leva ao aumento de boas perspectivas de emprego para os chineses que conheçam português.

keywords

Portuguese Language; Portuguese Language Learning; motivation; China; Angola.

abstract

This dissertation presents a reflection on the motivations that lead to growing interest in the Portuguese language in China. The empirical study i focuses the case of the Degree in Portuguese Language, at the Institute of Foreign Languages of Hunan. In this context, we applied questionnaires to Chinese students of the Portuguese Language Course, at that Institute. It should be referred that none of these students had prior knowledge of Portuguese. From the data analysis, one can identify the motivations that led these students to seek the Portuguese language course. Within the main results we can see that the interest in learning the Portuguese language is related to the political cooperation between China and Angola and the fact that Portuguese is the political and business language in this African country, making it into a *língua franca*, a communication tool between China and Angola. The growing demand for Chinese workers with knowledge of Portuguese and the fact that the Portuguese language is not as widely known as the English language leads to increased likelihood of good employment prospects for the Chinese students.

Índice

Introdução.....	10
Capítulo 1 – O Português como língua internacional.....	12
Capítulo 2 – A China e os Países de Língua Oficial Portuguesa.....	16
2.1) O Fórum Macau.....	16
2.2) A China em África.....	17
2.3) A China em Angola.....	19
Capítulo 3 – A sociedade chinesa.....	22
3.1) A Influência de Confúcio.....	22
3.2) A Revolução Cultural Chinesa – o ensino de línguas antes e depois.....	23
3.3) A febre educacional.....	24
Capítulo 4 – O Ensino de Língua Portuguesa na China.....	26
4.1) A aprendizagem de Língua Portuguesa na China em números.....	27
4.1.1) O Instituto Superior de Línguas Estrangeiras de Hunan.....	28
4.1.1.1) Bacharelato de Língua Portuguesa no ISLEH.....	29
Capítulo 5 – Metodologia.....	34
5.1) Contexto da pesquisa.....	34
5.1.1) Objetivo geral.....	34
5.1.2) Objetivos específicos.....	34
5.1.3) Participantes.....	35
5.1.4) Inquérito 1.....	36
5.1.5) Inquérito 2.....	36
Capítulo 6 – Procedimento.....	38
6.1) Inquérito 1.....	38
6.2) Inquérito 2.....	38
Capítulo 7 – Resultados & Discussão.....	39
7.1) Resultados – Inquérito 1.....	39
7.2) Resultados – Inquéritos 2.....	54
Conclusão.....	61
Referências Bibliográficas.....	63
Anexos.....	69
Anexo I – Inquérito I.....	70
Anexo II – Inquérito II.....	74
Anexo III – Resultados dos Inquéritos I & II.....	78

Introdução

O interesse pela aprendizagem de língua portuguesa na China tem vindo a aumentar significativamente. O português é uma língua de destaque internacional, com elevado valor económico e têm-se desenvolvido através de políticas de promoção nos países onde existem fortes laços de cooperação com a comunidade lusófona (Reto, 2012).

Na China, a procura pela aprendizagem de língua portuguesa tem-se destacado pelas fortes relações bilaterais, essencialmente, com Angola. A riqueza em recursos naturais deste país e a necessidade de reconstrução do mesmo após uma longa guerra civil, transformou-o num forte atrativo para o investimento chinês, tanto na dimensão económica como política, proporcionando, também, o aumento das trocas comerciais.

Neste contexto, esta investigação tem como objetivo analisar as motivações de alunos chineses que estudam língua portuguesa na China, procurando perceber a importância desta língua atualmente como um diferencial para o mercado de trabalho. Pretende-se também abordar se existe uma ligação entre o aumento do investimento por parte da China em Angola e o aumento da procura de cursos de língua portuguesa na China.

Inicialmente o estudo apresenta a posição da língua portuguesa ao nível internacional, destacando a sua importância na China. A seguir, ressalta-se a criação do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Oficial Portuguesa, criado com o objetivo de mediar a comunicação entre a China e os países de língua oficial portuguesa. A terceira parte faz referência à presença da China em África, com especial incidência em Angola, analisando a evolução das relações bilaterais, o crescimento do investimento chinês no país e das trocas comerciais entre os dois, revelando quais os motivos do interesse chinês pelo continente africano e por Angola. Neste contexto, expõe-se, a seguir, o funcionamento do ensino na China. Por fim, são apresentados os resultados que emergiram da consolidação do estudo teórico com o estudo empírico, realizado junto dos estudantes de língua do Instituto Superior de Línguas Estrangeiras de Hunan.

Capítulo 1 - O português como língua internacional

O português é língua oficial em oito países distribuídos por quatro continentes: Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo-Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Timor-Leste, para além da Região Administrativa Especial de Macau. Estima-se que existam cerca de 250 milhões de falantes de português, o que representa aproximadamente 3,7% da população mundial.

“O Português é a língua que os portugueses, os brasileiros, muitos africanos e alguns asiáticos aprendem no berço, reconhecem como património nacional e utilizam como instrumento de comunicação, quer dentro da sua comunidade, quer no relacionamento com as outras comunidades luso falantes”. (Castro, s/d)

A língua portuguesa enquanto língua “super central” na classificação de Calvet (2011), ao classificar-se entre as dez principais línguas mundiais e, apesar de o seu potencial económico estar longe de ser otimizado, é uma língua global, ou seja, uma língua de contacto ou relação resultante do contacto e comunicação entre grupos ou membros de grupos linguisticamente distintos para o comércio internacional e outras interações mais extensas. “Uma língua franca¹ é uma língua de conveniência. Quando deixa de ser prática, mesmo que tenha sido difundida, é descartada, sem cerimónia, e com pouca emoção.” (Ostler, 2010).

A política de internacionalização da língua portuguesa assenta em dois pilares principais: o ensino de Português no estrangeiro e a cooperação internacional, onde a componente linguística pode e deve ser envolvida (Reis, 2010)

Existem várias circunstâncias favoráveis ao processo de internacionalização da língua portuguesa, nomeadamente os espaços em que o português está em expansão por razões históricas e sociológicas, pela intervenção do Brasil através da sua revelação no panorama económico internacional e por políticas de valorização do multilinguismo no ensino de línguas, para compensar a predominância do inglês.

¹ *Lingua Franca* é uma expressão latina que designa uma língua usada na comunicação entre indivíduos para os quais ela não é a primeira língua.

A importância de uma língua evolui, entre outras variantes, através da dimensão demográfica e do poder económico dos países onde ela é língua oficial. O português ocupa o 7º lugar na lista das 10 principais línguas mundiais (Barómetro de Calvet, 2011) e isso deve-se, sobretudo, ao crescimento populacional e à afirmação económica do Brasil e das ex-colónias africanas. Mário Silva, do Instituto Camões, afirma que “[...]o que tem feito crescer o português aos olhos dos estrangeiros é o destaque político, económico e cultural que a comunidade de países lusófonos vem recebendo nos últimos anos”.

Para Laborinho (2012), o valor da língua não é um dado fixo e variáveis, como a ciência, a tecnologia, a economia, a cultura e a sociedade, influenciam o seu valor.

“A língua portuguesa é hoje uma das mais influentes do mundo, com tendência para o crescimento dos seus falantes, dos utilizadores como segunda língua (...).” (Reto, 2012, p. 187)

Segundo o estudo sobre o valor económico da língua portuguesa desenvolvido pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE), apurou-se que a língua portuguesa tem um valor potencial de 17% do PIB nacional (Reto, 2012).

Tomada consciência do poder que a língua portuguesa tem e do lugar de destaque que tem vindo a conquistar no mundo, a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) estabeleceu a promoção internacional do português como prioritária. Há então que conhecer o posicionamento das economias dos países de língua oficial portuguesa, bem como as empresas estrangeiras que atuam nestes mercados, as suas línguas de partida e o seu conhecimento do português como língua de negócios. Para o efeito, são levadas a cabo ações de difusão da cultura dos países de língua oficial portuguesa e a internacionalização da economia da CPLP (Laborinho, 2012).

“O idioma carece também de difusão suficiente que justifique a sua escolha como veículo de comunicação, como segunda língua.” (Manchete, 2008, p. 5). O atual Ministro dos Negócios Estrangeiros defende ainda que para que a língua portuguesa alcance a condição de uma das primeiras línguas francas do Ocidente é preciso efetuar uma modernização do idioma, aumentar a eficácia do ensino a estrangeiros, pelo número de alunos e docentes. Por eficácia do ensino

entende-se também que proceda a uma análise prévia das necessidades linguísticas dos países onde se promovem os cursos de língua portuguesa, bem como estudar as motivações de quem escolhe aprender a língua portuguesa e, em que contexto a pretende utilizar, promovendo a satisfação quer de quem aprende e obtendo benefícios para quem a promove e ensina.

Para atingir estes objetivos tem sido fundamental o papel ativo do Instituto Camões (IC). Com acordos de cooperação com mais de 294 instituições, o IC assegura o ensino de língua portuguesa em 72 países, contabilizando aproximadamente 150.000 alunos de todos os níveis de ensino, desde o pré-escolar até ao superior. Para Reto (2012) *“o futuro do crescimento do português estará muito mais ancorado numa estratégia de difusão, dada a necessidade de outras comunidades utilizarem o português como língua franca”*.

Este estudo pretende mostrar como a língua portuguesa embora ainda longe de se classificar como língua franca no panorama internacional, atingindo o estatuto do inglês, é a língua de comunicação entre os povos da lusofonia e os que com eles colaboram. No caso da língua portuguesa, esta é considerada uma língua franca no contexto dos países de língua oficial portuguesa, com destaque para o caso de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Timor-Leste, onde o português não é língua materna para a maioria dos seus habitantes, mas sim a língua oficial, um instrumento de comunicação quer dentro dos seus territórios, onde existe uma grande diversidade étnica e linguística, quer como elo de ligação com os outros países de língua oficial portuguesa. Por exemplo, Angola é país plurilingue, onde coexistem a língua portuguesa e quatro línguas nacionais: Tchocué, Kikongo, Kimbundu e Umbundu, para além de outras línguas africanas e dialetos. Embora a língua portuguesa seja a única língua oficial de Angola, estima-se que apenas 70% da população angola fale português. No caso de Moçambique, segundo o censo de 1997, apenas 39,6% dos moçambicanos falam português e, para a maioria, este idioma é língua segunda. O Relatório sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas (1989) identificou cerca de 20 línguas nacionais moçambicanas, através dos grupos étnicos maioritários que são emankhua, xixhanghana, elomwe, cisena e português. Apesar de existirem várias línguas, nenhuma delas é falada por mais de 50% da população, o que torna o português como língua de comunicação

mais exequível (Norte & Rios-Neto, 2008).

Apesar de, em 2008, Ostler (p. 65) defender que a língua portuguesa não estava em posição de competir como língua mundial de grande difusão, "Portuguese is not well-placed to compete as a world language of wider communication: outside Europe, it is unbalanced, too localized in the Americas, with small populations in Angola, Mozambique, Goa...", verificou-se neste estudo que desde essa data o valor da língua portuguesa tem aumentado, ainda que levemente, pelo destaque político-económico das ex-colónias e, também, por políticas de promoção da língua portuguesa. Tais políticas de promoção são da responsabilidade não só do governo português, mas também da sociedade civil e das universidades. É iminente reforçar a articulação entre a promoção da língua e cultura e a promoção da economia portuguesa no mundo, apostando cada vez mais na componente extrauniversitária do ensino da língua portuguesa, assim como na certificação de conhecimentos (Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, 2007).

Capítulo 2 - A China e os Países de Língua Oficial Portuguesa

2.1) O Fórum de Cooperação Económica e Comercial de Macau

Em 2003, o Ministério do Comércio chinês criou o Fórum Macau, uma plataforma de cooperação económica e comercial com sete dos países de língua oficial portuguesa.² A criação deste Fórum, com uma Estrutura Permanente em Macau, promove o contacto direto entre o Ministério do Comércio da China e os países lusófonos e tem objetivos bastante específicos. Segundo Mendes (2013), do ponto de vista político, Pequim pretende evitar o reconhecimento de Taiwan, mostrando-lhe “o grau de autonomia consagrado às Regiões Administrativas Autónomas Especiais até permite dinamizar as instituições internacionais com representatividade estatal”, garantir aliados nas organizações internacionais e ser aceite como grande potência económica, equilibrando a supremacia ocidental. Do ponto de vista económico, a China pretende garantir a importação de produtos manufaturados, energéticos (petróleo, carvão, gás e pedras preciosas), florestais, agrícolas e na área das pescas (Mendes, 2013)

Foram a língua portuguesa e a sua cultura presentes em Macau, desde há precisamente 500 anos, que deram origem à ideia de criação de uma entidade que ligasse as ex-colónias portuguesas à China. Neste sentido, são organizadas conferências de três em três anos, com vista à aprovação de Planos de Ação Económica e Comercial trienais, os quais “ajudam a identificar objetivos comuns num clima de confiança” e onde as únicas línguas de trabalho são o português e o chinês. Pequim procura, através das afinidades culturais que Macau partilha com as ex-colónias portuguesas, nomeadamente a língua portuguesa, o sistema jurídico de matriz portuguesa, uma percentagem importante dos meios de comunicação social funcionam em português, oferta cultural lusófona (artes, espetáculo e gastronomia), criar um ambiente familiar para empresários lusófonos em território chinês, favorecendo o *guanxi*³(Mendes, 2013).

Para além das conferências, o Secretariado Permanente estabelecido em

² À exceção de São Tomé e Príncipe, com quem a China não tem Relações Bilaterais, por este reconhecer Taiwan como país independente.

³ *Guanxi* é um conceito usado para explicar determinadas ligações, a rede de relacionamento interpessoal associado à estratégia de obtenção de favores: quanto mais positiva for a impressão causada, mais provável é conseguir-se um favor. Na China, seja a nível político, seja a nível económico ou social, nada se consegue sem *guanxi* (Mendes, 2012, pp. 125-126).

Macau tem também como objetivo organizar cursos de formação e financiar encontros empresariais nos vários estados membros, contribuindo, desse modo, para aumentar o conhecimento da China naqueles países, tornando-a mais atrativa aos governantes e empresários que participam nessas conferências, promovendo o estabelecimento de relações de confiança.

Embora o Fórum incluía sete dos países de língua oficial portuguesa, para Mendes (2013)

“...o objetivo chinês foi a aproximação aos países africanos de língua oficial portuguesa, face à irrelevância da balança comercial com Portugal e à solidez das relações económicas e comerciais com o Brasil” – Mendes (2013, p. 287)

“O investimento chinês nos países de língua oficial portuguesa (talvez com exceção do Brasil) é mais visível nas indústrias extrativas e na construção de infraestruturas, recorrendo ao excesso de mão-de-obra chinesa como forma de reduzir o desemprego e tensões sociais na China, mas também de garantir rapidez, eficiência e custos baixos na construção.” (ibidem, p. 282)

O Brasil nunca foi um parceiro ativo no Fórum, visto partilhar dos mesmos interesses económicos da China, nomeadamente no continente africano “onde as empresas brasileiras perdem diariamente contratos por não conseguirem competir com as condições financeiras oferecidas pelas chinesas.”

Uma das ilações que se podem daqui tirar é que, de facto, a língua portuguesa, usando Macau como plataforma, tem um papel fundamental como mediadora entre a China Continental e a Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa, mais especificamente no caso das ex-colónias africanas.

2.2) A China em África

A China é uma das economias que mais tem crescido nos últimos anos. Considerada como o “motor” da economia mundial, o país tem um papel indispensável na economia mundial, sobretudo pelas mudanças a que se têm assistido. Atualmente a China constitui uma *economia em triplo processo de transição*: de uma economia estatal e planificada para uma economia de mercado; de uma economia agrícola e rural para uma economia urbana,

baseada na indústria e nos serviços; e de uma economia fechada para uma economia aberta às trocas internacionais de bens e de capital (AICEP Portugal Global, 2013).

A China passou a ser, em 2009, o primeiro exportador e o segundo importador a nível mundial. Nas trocas comerciais da China os principais produtos respeitam a maquinaria e equipamento diverso. A entrada maciça de investimento direto do exterior tem permitido um aumento significativo da exportação de produtos com maior valor acrescentado.

Para a China, 2006 foi o “Ano de África”, data em que os investimentos neste continente quadruplicaram (Foster, Butterfield, Chen & Pushak, 2008). Já há algum tempo que a China vinha apostando em África, chegando ao ponto de o comércio com a África Subsariana chegar a atingir os 59 bilhões de dólares americanos em 2007. Em geral, África é uma região com graves deficiências de infraestruturas e com uma fonte insaciável de recursos naturais, o que despertou o interesse da China, um país que atravessa um rápido processo de industrialização e esse acelerado crescimento económico tornou-o num grande consumidor de matérias-primas em geral (AICEP, 2013).

As áreas de atuação principais da China em África estão ligadas ao setor das telecomunicações e da construção, nomeadamente a construção de vias férreas, estradas, criação de redes de distribuição de água potável e redes de esgotos e saneamento.

Mas qual a origem do crescimento de interesse na República Popular da China pelo continente africano? De uma forma sucinta, o interesse da China em África assenta em dois pressupostos; o primeiro é a afirmação de “uma só China”, e o não reconhecimento de Taiwan como país independente e o fortalecimento da sua posição no contexto político. Por outro lado, o rápido crescimento económico da China exige condições de resposta às suas necessidades energéticas.

A China chega a África com uma mão cheia de apreciáveis vantagens, como por exemplo investimento, oportunidades de reconstrução, negócios, linhas de crédito e tudo isso através de contratos a longo prazo o que garante segurança aos países africanos. Além disso, os seus contratos de exploração petrolífera por exemplo, a China não contém imposições de

“... transparência política e de gestão de receitas, não pedem reformas económicas, não pretendem escrutinar o respeito pelos direitos humanos, nem fazem depender os programas do cumprimento de ditames de impacto ambiental.” (Alves, 2007, p.59)

“Quando os chineses aterram nas capitais africanas, não trazem debaixo do braço apenas um punhado de barris para encher e levar petróleo – trazem investimento e oportunidades de reconstrução, negócios, linhas de crédito, perdão de dívida, *know-how* em matérias tecnológicas, comércio, mão de obra especializada e a garantia de um amigo atento com assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas.”

(Alves, 2007, p.60)

2.3) A China em Angola

A relação entre a República Popular da China e Angola data ainda da época em que Angola era uma colónia portuguesa, embora as relações diplomáticas tenham sido estabelecidas formalmente apenas em 1983. Durante a fase do anticolonialismo, a relação entre os dois países era baseada no apoio militar, ao nível de treino e fornecimento de armamento aos três movimentos anti-coloniais: o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a União Nacional para a Independência total de Angola (Unita) e a Frente Nacional para a libertação de Angola (FNLA). Com o fim da guerra, a relação da China com Angola passou dum plano de defesa e segurança, para o plano económico. Foi em 2004 que as relações entre os dois países atingiram uma posição bastante significativa, com a promessa de um fundo de dois bilhões de USD do banco chinês de exportação e importação – o Exim Bank - para ajudar na reconstrução do país. (Campos & Vines, 2008). A partir desse momento, as visitas bilaterais de representantes do governo intensificaram-se e resultaram na assinatura de vários projetos de cooperação ao nível político, diplomático, cultural e social, o que fez com que Angola seja, atualmente, o maior parceiro comercial da China em África (Gao, 2011).

Depois de terminada a guerra civil que durou 27 anos, a rápida reconstrução tornou-se a prioridade do Governo Angolano. No âmbito do Programa de Reconstrução Nacional do Governo Angolano, a maior parte da

assistência financeira chinesa em Angola é reservada a projetos de investimento em infraestruturas, telecomunicações e agro-negócios, como são exemplos: a construção da estrada de Luanda-Uíge, o equipamento de instituições médicas, a construção e reconstrução de escolas, hospitais e centros de saúde, irrigação de projetos agrícolas, construção da linha férrea de Benguela, entre muitos outros (Alves, 2007). As trocas comerciais entre os dois países foram aumentando gradualmente. De 150 milhões em 1990, o valor das trocas comerciais subiu para 6,9 bilhões em 2005. No topo das exportações angolanas está o petróleo, que representa 95%. Mas as importações chinesas também aumentaram significativamente e prevê-se que, em breve, as importações chinesas aumentem de tal modo que atinjam o nível das importações de produtos portugueses. A imigração chinesa em Angola ultrapassou já a imigração portuguesa e, em 2007, estavam registados no MNE angolano cerca de 22000 trabalhadores chineses, a maioria de baixa escolaridade que vêm com contratos de um ou dois anos através dos acordos de investimento da linha de crédito chinesa (Campos & Vines 2007). Já no último semestre de 2012, Angola garantiu 116 vistos por dia a cidadãos chineses. Prevê-se que vivam em Angola neste momento mais de 250.000 cidadãos chineses. (Africa Research Bulletin, 2013).

Em geral, a assistência chinesa tem trazido impacto real na vida da população angolana, não só pelas facilidades de acesso ao crédito, mas também pelo acesso de baixo custo a *scooters*, geradores elétricos, entre outros. (Africa Research Bulletin, 2013) Ambos os países obtêm benefícios com estes acordos de cooperação, mas têm surgido críticas à investida chinesa em Angola, nomeadamente pelo recurso intensivo à mão-de-obra chinesa, impedindo a criação de emprego para os angolanos e a transmissão *know-how*, pois durante o longo período de guerra civil despoletou a falta de condições para a criação de mão-de-obra especializada que desse resposta às necessidades que o país entretanto enfrentou. (Campos & Vines 2007). Apenas 30% dos contratos de construção vão para firmas angolanas, o que beneficia à escala a China e as elites chinesas, acusadas de corrupção, e prejudicando o povo angolano (Africa Research Bulletin, 2013). Curiosamente, para contornar esta necessidade de mão-de-obra especializada, a China criou também protocolos de cooperação na

área da educação, criando a possibilidade de estudantes angolanos realizarem cursos superiores na China, em áreas de necessidade emergente, como por exemplo Engenharia Civil e Medicina. Veja-se o caso da Changsha Science and Technology University e a Central-South University, ambas na província de Hunan, que recebem anualmente vários estudantes angolanos.

Em resumo, segundo o Presidente Angolano, as relações bilaterais entre a China e Angola são uma aliança “mutuamente vantajosa, a China necessita de recursos naturais e Angola quer desenvolvimento.”.

Capítulo 3 - A sociedade chinesa

3.1) A influência de Confúcio

Não se pode analisar o pensamento chinês e a evolução do ensino na China sem fazer referência àquele que foi o mais influente filósofo deste povo – Confúcio (Kong Fu Zi). Também conhecido como o “pai dos mestres”, viveu entre 551 e 479 a.C., de uma forma modesta e o seu trabalho focou-se principalmente na educação. Confúcio acreditava poder educar para retificar a conduta das pessoas e atribuiu extrema importância ao estudo como instrumento de manutenção dos valores culturais e de sobrevivência da sociedade, sendo a educação também um caminho para modificar o mundo. O maior contributo de Confúcio para a cultura chinesa foram os seus conceitos sobre a educação, ao defender que, independentemente da sua posição social, todo o homem devia ter acesso à educação, ampliando assim a base social, possibilitando a transmissão, divulgação e desenvolvimento de conhecimentos. (China Education Center Ltd., s.d.). Confúcio deu especial atenção aos aspetos sociopolíticos e ético-morais da sociedade, defendendo o auto cultivo das próprias pessoas (Pomar, 2003).

Este pensamento surgiu numa altura conturbada de crise e escândalos políticos, onde a corrupção por parte da nobreza e a miséria e fome das classes mais baixas faziam parte do dia-a-dia dos chineses. Naquela altura apenas os nobres tinham direito à educação e Confúcio veio precisamente modificar isto na sociedade. A partir deste momento, a única forma de ascender ao poder nos mais elevados graus da administração pública era através da realização de um conjunto de exames estatais que selecionava os mais competentes.

Os pontos fundamentais de Confúcio como conservar a ordem familiar, política e social estão ainda bastante presentes no dia-a-dia da sociedade coletivista chinesa (Thums, 2003).

3.2) A Revolução Cultural Chinesa - O ensino de línguas na China antes e depois da Revolução Cultural

Desde a fundação da Nova China, em 1949, a educação era totalmente controlada pelo governo, estando associada às políticas e estratégias do Partido Comunista. Era preciso criar relações com o estrangeiro e, ao mesmo tempo, isolar-se dos E.U.A. e da Grã-Bretanha. Com o objetivo de se afirmar, a administração comunista desenvolveu boas relações com os países onde vigoravam políticas socialistas, nomeadamente, a Ex- União Soviética e alguns outros países da Europa de Leste (Li, 2005 & Ran, 2006).

De 1949 a 1956, identificando-se com as políticas da Ex-União-Soviética, o governo chinês iniciou uma construção socialista e num esforço para adquirir a experiência avançada dos soviéticos, decide investir no ensino de língua russa. Entre 1957 e 1966, e depois do rompimento das relações com a Ex-União Soviética, assistiu-se a um decréscimo do interesse do governo pelo ensino da língua russa e a um aumento de interesse por outras línguas estrangeiras, sobretudo o inglês.

A *Revolução Cultural Chinesa*, liderada por Mao Zedong, em 1966, foi um movimento organizado por trabalhadores e estudantes contra a burocracia que tomava conta do Partido Comunista. A insatisfação com as políticas do partido começou em 1958, aquando da implantação do *Grande Salto Adiante*, um plano que tinha por objetivo organizar a produção agrícola num sistema cooperativo, estruturar a produção industrial, aumentar a produção de minerais, entre outros. Contudo, este plano revelou-se um fracasso, levando à morte de cerca de 30 milhões de chineses e ao rompimento das relações entre a China e a Ex-União Soviética, causando revolta e insatisfação entre o povo chinês.

Com efeito, a desorganização na produção agrícola levou a um período de grande fome e as críticas a Mao Zedong foram aumentando. Mas antes que os seus dois grandes opositores, Liu Shaoqi e Deng Xiaoping, o conseguissem demover do poder, Mao Zedong antecipou-se e, incitando a necessidade de promover uma limpeza nos quadros político, económico, organizacional e ideológico da República Chinesa, foi eliminando todos os que se opunham a ele e às suas políticas.

Neste contexto Inicia-se, assim, em 1966, a *Revolução Cultural*: escolas e

universidades são fechadas e o governo defende que a aprendizagem deve ser feita através da revolução, nos campos, fábricas ou exército. Inicia-se também uma onda de contestação em relação a tudo o que é estrangeiro e como todos os outros cursos, a aprendizagem de línguas estrangeiras é banida (Ran, 2006)

A Revolução Cultural tem o seu fim no ano de 1976. É neste momento em que o país, ao fazer um balanço das consequências do período da revolução, identifica como este acontecimento afetou negativamente a China e provocou um atraso nas dimensões económica, tecnológica, educacional e social em relação ao resto do mundo.

Neste contexto, entende-se que o período da Revolução Cultural é um momento que marcará durante muitos anos o povo chinês, que durante dez anos se viu privado da educação e do contacto com o estrangeiro. Direta ou indiretamente, a Revolução influenciou o pensamento chinês e instigou a febre educacional.

3.3) A Febre Educacional

O conceito de febre educacional surgiu em países asiáticos, sobretudo na China e Coreia, para descrever o intenso desejo pela educação.

Andrew Kipnis (2011), um antropólogo da Australian National University e autor do livro sobre este tópico afirma que o dinheiro investido na educação na China está a tornar-se extremo. Nas áreas rurais há mesmo casos de famílias que deixam as despesas com saúde para segundo plano e preferem investir esse dinheiro na educação dos filhos.

O autor refere que, muitas das vezes, as famílias pedem dinheiro emprestado a familiares para providenciar os estudos dos filhos, mas depois têm dificuldades em pagar esses empréstimos.

Um estudo da EUROMONITOR revelou que embora os salários *per capita* tenham sofrido um aumento de 63,3% em 5 anos, até 2012, as despesas com educação aumentaram cerca 94%. Um outro estudo realizado pela empresa Mintel mostra que, 9 em cada 10 crianças chinesas da classe média, frequentam atividades extra curriculares pagas. Os pais chineses acreditam que essas atividades irão ajudar os filhos a entrar na universidade (BBC, 2013)

Embora esta atitude em relação à educação suscite, muitas vezes, críticas por parte do mundo ocidental, afirmando que as crianças chinesas acabam por não desenvolver competências sociais, a verdade é que a competição para entrar nas universidades é voraz e as famílias, normalmente com apenas um filho, apostam tudo o que têm para garantir uma boa educação aos filhos.

Capítulo 4 – O Ensino de Língua Portuguesa na China

O primeiro curso de Licenciatura em Língua Portuguesa foi criado em 1960, no Instituto de Radiodifusão de Pequim, com uma duração de 4 anos. Os alunos, escolhidos pelo partido, tinham já conhecimentos da língua russa. Durante este ano, criou-se ainda um curso intensivo de português no Instituto de Línguas Estrangeiras de Pequim com a duração de dois anos (Wang, 2001). Para além de promover o ensino de língua portuguesa nas universidades chinesas, o governo decidiu, também, enviar jovens para estudar português no exterior, nomeadamente em Macau, Moçambique, Brasil e Portugal. Os alunos que frequentavam os cursos de português no exterior eram selecionados pelas autoridades chinesas e tratava-se, sobretudo, de jovens que já tinham formação superior, concluída ou não, em línguas, nomeadamente, em espanhol e inglês.

Entretanto, no ano de 1966, inicia-se a grande Revolução Cultural e a educação é suspensa em todos os níveis. Com o fim da revolução, o ensino de português reinicia-se, em 1973, no Instituto Línguas Estrangeiras de Pequim. Ressalva-se ainda que foi criado um mini-curso de língua portuguesa para docentes chineses, no Instituto Línguas Estrangeiras de Xangai, por causa da necessidade de formar quadros docentes após a revolução.

Para além dos cursos de licenciatura, também realizavam, esporadicamente, cursos de curta duração e com finalidades específicas, como por exemplo:

- Formação de intérpretes e tradutores para uma empresa siderúrgica com minerais brasileiros como matérias-primas;

- Formação de intérpretes para acompanhar equipas médicas a trabalhar nos PALOP;

- Formação de intérpretes para acompanhar os técnicos agrícolas a trabalhar nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP);

- Entre outros.

(Wang, 2001)

4.1) A aprendizagem de língua portuguesa na China em números

Segundo dados do Instituto Camões, existem hoje 20 instituições de ensino superior com cursos de Bacharelato, Licenciatura e Mestrado em Língua Portuguesa. No ano letivo de 2012-2013 estavam inscritos cerca de 1.568 alunos (Instituto Camões, 2013).

O número de interessados na aprendizagem de língua portuguesa tem vindo a aumentar. De acordo com Shen Lu diretora do Departamento de Português da Faculdade de Línguas e Culturas Lusa Euro-Asiáticas da ZISU "há muito interesse pelo português e um grande mercado para os licenciados em português".

Mas não são só os jovens em contexto escolar que aprendem português na China. Muitas empresas chinesas estão a apostar na formação em língua portuguesa dos seus trabalhadores, organizando cursos de línguas intensivos, realizados na própria empresa. Veja-se o caso do Grupo Sany, uma empresa global de fabrico de equipamento pesado para a construção, que em 2012 decidiu promover uma formação intensiva de 9 meses em regime de tempo integral a um grupo de 8 trabalhadores de áreas tão diversas como as Relações Públicas e a Engenharia Mecânica, com o intuito de os enviar para trabalhar na nova fábrica no Brasil. A construção é uma das principais áreas de trabalho das empresas chinesas, que investem no Brasil e em Angola. Como já foi explicado anteriormente, a China prefere formar os seus próprios tradutores/intérpretes, em vez de contratar mão-de-obra estrangeira, pelo que há cada vez mais uma necessidade de criação de cursos de língua portuguesa para fins específicos. Criar planos de ensino que vão de encontro às áreas principais de atuação das empresas chinesas, pode ser uma mais-valia para aumentar o valor económico da língua portuguesa, promovendo assim a nossa economia.

Basta fazer uma análise geral das empresas investidoras na Comunidade dos Países Língua Portuguesa, das suas áreas de atuação, e, a partir desta informação, preparar cursos de língua portuguesa adequados às necessidades de cada área e formar docentes para o ensino de português para fins específicos. Portugal deve exercer um papel mais pró-ativo na promoção da língua portuguesa na China, antecipando-se ao surgimento da procura, e promovendo, contrariando ao que tem acontecido. Até aqui são as próprias empresas a

identificarem as suas necessidades de formação e a procurarem, através das suas redes de contacto locais, um estrangeiro nativo de língua portuguesa para os ensinar.

Quando abriram os primeiros cursos de português na China, primeiro vieram os leitores brasileiros (através de vias não governamentais) e depois, após o estabelecimento de acordos com o Instituto Camões (IC) e o Instituto Português do Oriente (IPO), começaram a chegar os leitores portugueses.

Embora Wang (2001) tenha afirmado que, após a celebração destes protocolos entre a China e Portugal, “os leitores nas universidades chinesas são todos portugueses”, talvez devido ao aumento da procura dos cursos de português e a uma oferta insuficiente da bolsa de leitores do IC e do IPO, atualmente os leitores de português são de nacionalidade portuguesa, brasileira e, curiosamente, um de nacionalidade espanhola.

Quando se iniciou o ensino de língua portuguesa na China, as aulas eram essencialmente lecionadas pelos leitores, auxiliados pelos seus colegas chineses. Hoje em dia, os professores chineses de Língua Portuguesa são responsáveis, normalmente, pelo ensino de gramática, leitura e compreensão e tradução, enquanto os leitores asseguram o ensino das aulas de conversação, audição e cultura portuguesa e dos Países de Língua Oficial Portuguesa.

4.1.1) O Instituto Superior de Línguas Estrangeiras de Hunan

Fundado em 1993, o Instituto Superior de Línguas Estrangeiras de Hunan (ISLEH) foi aprovado pelo Governo Provincial de Hunan e registrado no Ministério de Educação do Estado. É um Instituto de Ensino Superior Privado que conta com 6 escolas subsidiárias e departamentos, nomeadamente a Repartição Internacional, o Departamento de Inglês, o Departamento de Línguas, o Departamento de Economia e Gestão Internacional, a Escola de Enfermagem e o Centro de Educação Contínua. Com um leque de 26 cursos, a universidade conta com cerca de 8.000 alunos, 300 funcionários, dos quais 235 são professores chineses e 12 professores estrangeiros oriundos de 9 países diferentes. O ISLEH destaca-se por ser a única universidade independente especializada no ensino de línguas estrangeiras no centro-sul da China.

Tratando-se de um instituto privado, o ISLEH diferencia-se das universidades e institutos superiores públicos pelo facto de os alunos inscritos não terem necessariamente de obter aprovação no exame final do ensino secundário, designado de *Gaokao*⁴.

Publicitando o *slogan* da escola "Vamos para o mundo a partir daqui", o instituto estabeleceu vários protocolos de intercâmbio educativo, nomeadamente com universidades dos Estados Unidos, Espanha, Canadá, Argentina, Chile e, mais recentemente, no ano letivo de 2013/2014 com o Brasil, permitindo, assim, aos seus alunos estudar ou realizar um estágio fora da China.

Para aumentar a competitividade no futuro profissional dos alunos, o instituto defende a política de combinação de "competências linguísticas + competências profissionais + competências de carácter geral", ajudando cada aluno com o seu objetivo profissional para o seu futuro desenvolvimento, de modo a capacitá-lo de conhecimento profissional, bem como de aptidões práticas. Nos últimos anos, a taxa de empregabilidade dos alunos graduados do ISLEH ronda os 95% (Gabinete de Relações Internacionais do Instituto Superior de Línguas Estrangeiras de Hunan, 2013).

4.1.1.1 Bacharelato de Língua Portuguesa no ISLEH

O Departamento de Línguas está dividido entre "Departamento de Línguas Orientais", onde estão inseridos os cursos de "Japonês", "Coreano" e "Árabe" e o "Departamento de Línguas Ocidentais" que agrega os cursos de "Português", "Espanhol", "Francês" e "Alemão".

O curso de "Português" abriu em Setembro de 2009 com 14 alunos e desde aí o número de interessados em aprender Língua Portuguesa tem vindo a aumentar significativamente, como se pode verificar na Figura 1. Tal como se pode constatar por este gráfico, a primeira edição do curso iniciou-se com 14 alunos, a segunda edição com 59 alunos, a terceira edição com 125 alunos, sendo que é entre a terceira e a quarta edição que se nota uma certa estabilidade

⁴ *Gaokao* é o exame nacional de acesso à universidade da China. Trata-se do maior exame quer na China, quer no resto do mundo. Realiza-se a 7, 8 e 9 de Junho e mobiliza a atenção de todo o país. Segundo dados do Ministério da Educação, no ano de 2012, cerca de 9 milhões de alunos realizaram este exame.

nos número, com a ligeira subida para 132 alunos na quarta edição.

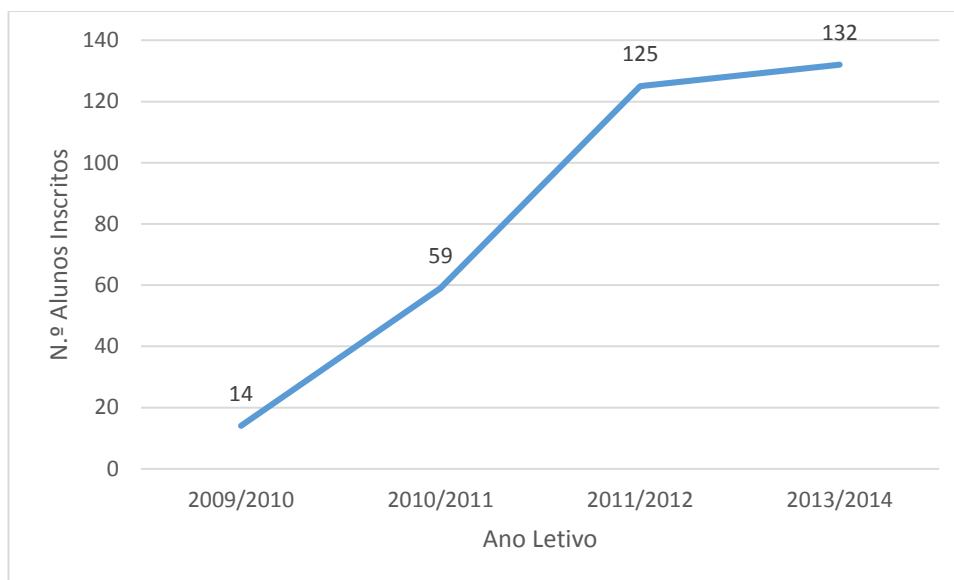


Fig. 1 – Evolução do número de alunos a estudar português no ISLEH

Fonte: Dados do Instituto Superior de Línguas Estrangeiras de Hunan

O Curso de Português está organizado em 3 anos/ 6 semestres, apresentado na Tabela 1. O plano de estudos está organizado de forma que metade das aulas são dedicadas à língua portuguesa e outra metade a disciplinas gerais e comuns a todos os cursos. No que concerne à aprendizagem de língua portuguesa, para além das disciplinas fundamentais de compreensão oral, compreensão auditiva, os alunos deste instituto têm também disciplinas específicas em Língua Portuguesa, como por exemplo, “Informações Gerais sobre os Países de Língua Oficial Portuguesa”, “Turismo”, “Comércio” e “Correspondência Comercial”.

1º Semestre	Disciplina	Horas/Semana
	Educação Física	2
	Informática	2
	Inglês	4
	Introdução ao direito	2
	Português - Audição	2
	Português - Fonética	2

	Português - Oralidade	4
	Português Básico	6
	Total de horas/semana	24
2º Semestre	Disciplina	Horas/Semana
	Educação Física	2
	Informática	2
	Inglês	4
	Política e Ideologia	2
	Português - Audição	4
	Português - Gramática	2
	Português - Oralidade	4
	Português Básico	4
	Total de horas/semana	24
3º Semestre	Disciplina	Horas/Semana
	Educação Física (Opção)	2
	Informação Geral dos Países de Língua Oficial Portuguesa	2
	Informática	2
	Inglês	2
	Orientação profissional	2
	Orientação Profissional	2
	Português - Audição	2
	Português - Gramática	2
	Português - Oralidade	4
	Português Básico	6
	Total de horas/semana	26
4º Semestre	Disciplina	Horas/Semana
	Comércio Internacional - Operações e Documentação	2
	Correspondência Comercial	2
	Informática	2
	Orientação Profissional	2
	Português - Audição	2
	Português - Comércio	4
	Português - Oralidade	4
	Português - Turismo	2
	Português Básico	6
	Total de horas/semana	26
5º Semestre	Disciplina	Horas/Semana
	Informática	2
	Inglês	2

	Orientação profissional	2
	Português - Audição	2
	Português - Oralidade	4
	Português Básico	4
	Técnicas de Interpretação	4
	Técnicas de Tradução	4
	Total de horas/semana	24
6º Semestre		
Estágio		

Tabela 1 – Plano do Curso de Bacharelato em Língua Portuguesa

Fonte: Dados do Instituto Superior de Línguas Estrangeiras de Hunan

Capítulo 5 - Metodologia

5.1) Contexto da pesquisa

5.1.1) Objetivo geral:

É objetivo deste trabalho analisar a importância da língua portuguesa para a China, enquanto país investidor nos Países de Língua Oficial Portuguesa, bem como as motivações e dificuldades dos alunos chineses que aprendem português na China. Refletir em que contexto é que o aumento da procura de cursos de português na China Continental está estreitamente ligada ao forte investimento por parte da China em Países de Língua Oficial Portuguesa, em especial, em Angola.

5.1.2) Objetivos específicos:

Numa primeira fase, pretende-se analisar a posição/importância da língua portuguesa no Mundo e, posteriormente, a importância da língua portuguesa para a China enquanto investidor nos Países de Língua Oficial Portuguesa, mais especificamente no caso de Angola. Pretende-se estudar a posição da língua portuguesa na China no presente e se o português pode já ser considerado uma língua internacional.

Numa segunda fase, pretende-se conhecer as motivações dos alunos chineses na sua escolha do curso de Português por parte dos alunos chineses do ISLEH, em vez de outra língua estrangeira, a sua satisfação com o curso e as suas principais dificuldades de aprendizagem de português, as expectativas destes alunos em relação ao mercado de trabalho, que funções pretendem desempenhar e apurar se existe intenção de emigrar, por parte destes alunos, para um dos Países de Língua Oficial Portuguesa, nomeadamente, para Angola. Ao analisar este último tópico, importa também ver se realmente existem oportunidades de emprego para estes jovens asiáticos que estudam português, quer para os que pretendem emigrar, quer para os que optam por ficar na China Continental. Numa terceira fase, analisa-se um grupo de 5 alunos do 3º ano, a realizar estágio em Angola. O principal objetivo deste segundo questionário foi mensurar o uso de língua portuguesa por parte destes alunos, enquanto estagiários em Angola, as principais dificuldades que enfrentam no contexto

linguístico no seu dia-a-dia, os métodos usados para as ultrapassar e as suas perspectivas futuras de emprego. Para além disso, tal como no primeiro grupo analisado, também aqui foram analisadas as motivações que levaram à escolha da aprendizagem de língua portuguesa.

5.1.3) Participantes

Participaram deste estudo 162 estudantes do Instituto Superior de Línguas Estrangeiras de Hunan (ISLEH), na China, de ambos os sexos (88% do sexo feminino e 12% do sexo masculino), frequentando o 1º e 2º ano do Curso de Bacharelato em Língua Portuguesa. Os alunos, com idades entre 16 e os 23 anos (*M* 1º Ano= 19 anos; *M* 2º Ano = 20 anos), frequentavam regularmente as disciplinas do 2º semestre do curso à data do estudo.

O inquérito ao grupo do 1º e 2º ano foi realizado em contexto de sala de aula, nas instalações do ISLEH, entre o dia 17 e o dia 21 de Junho de 2013. Dos 184 alunos inscritos no 1º e 2º ano do curso de bacharelato de Língua Portuguesa, 22 alunos não estavam presentes aquando da realização dos inquéritos, pelo que a amostra do estudo é de 162 participantes. O inquérito ao grupo de 5 alunos do 3º ano foi realizado via correio eletrónico, durante o mês de Outubro.

As razões que levaram à escolha deste instituto num leque de 20 Institutos que lecionam atualmente o curso de português na China prende-se com a facilidade na aplicação dos questionários de forma presencial, permitindo assegurar dados sobre a temática atuais e com um grupo de informantes em número suficiente para se fazer uma análise, o mais profunda possível, com este tipo de estudo.

Além disso, considera-se que o ISLEH é representativo dos institutos que ensinam língua portuguesa na China Continental, pois apesar de estar localizado numa pequena cidade do interior, é a única escola que oferece Curso de Bacharelato em Língua Portuguesa em toda a província de Hunan e recebe 11,7% dos alunos a estudar língua portuguesa no ensino superior. Outro fator importante nesta escolha prendeu-se com o facto da promotora deste estudo encontrar-se a lecionar Português Língua Estrangeira (PLE) neste instituto no ano letivo de 2012-2013.

5.1.4) Inquérito 1

Para a realização deste estudo foi desenvolvido um questionário semiestruturado (questões fechadas, questões abertas e questões abertas de escolha múltipla), composto por 36 questões. Com o objetivo de verificar se há diferenças entre as desigualdades nas exigências e ofertas educacionais entre as cidades/áreas mais desenvolvidas e as zonas rurais/interior, foram numa primeira fase aplicadas questões de ordem sociodemográficas, sobre a trajetória académica na aprendizagem de línguas e motivações para a escolha do curso de Língua Portuguesa. O questionário inclui itens sobre o nível de satisfação da escolha do curso e as principais dificuldades encontradas pelos alunos chineses durante a aprendizagem de língua portuguesa.

5.1.5) Inquérito 2

A par com o estudo anteriormente referido, também este estudo foi desenvolvido através de um questionário semiestruturado (questões fechadas, questões abertas e questões abertas de escolha múltipla), composto por 37 questões. Com o mesmo objetivo do inquérito aplicado ao primeiro grupo de estudo, as primeiras questões são, também, de ordem sociodemográfica, avaliando o percurso académico na aprendizagem de línguas estrangeiras e as motivações para a escolha do curso de Língua Portuguesa. Para além de abordar todas as questões da satisfação com o curso e dos métodos a que recorreram enquanto estudantes do ISLEH, identificaram-se as empresas onde os alunos estão a realizar os seus estágios, o grau de intensidade com que usam a língua portuguesa, as dificuldades que enfrentam ao comunicar em língua portuguesa, os métodos que usam para ultrapassar essas dificuldades e as suas perspetivas de emprego para o futuro.

Capítulo 6 - Procedimento

6.1) Inquérito 1

Foi realizada a aplicação coletiva do inquérito em sala de aula. Inicialmente, foram feitos contatos com a direção do Instituto para obter autorização para a realização do estudo e, posteriormente, houve um contacto com os professores chineses do Departamento de Português e foi marcado diretamente com eles o momento da aplicação. Cada aplicação foi precedida de uma breve explicação dos objetivos do estudo e foram disponibilizadas aos alunos informações e encaminhamentos, quando necessário. A participação dos estudantes foi voluntária, num índice de 100% de aquiescência (162 alunos). Com o objetivo de que os inquéritos fossem aplicados sem consideráveis intervalos de tempo, estes foram aplicados pela leitora que promoveu o estudo e pelas duas docentes chinesas de língua portuguesa.

6.2) Inquérito 2

Foi realizada a aplicação individual do inquérito através do correio eletrónico. Para além dos contatos com a direção do Instituto para obter autorização para a realização do estudo, mais uma vez houve um contacto prévio com os professores chineses do Departamento de Português, os quais entraram diretamente em comunicação com os alunos a estagiar em Angola e questionaram a vontade de participar neste estudo.

Capítulo 7 – Resultados & Discussão

7.1) Resultados – Inquiridos do 1º e 2º Anos

Verificou-se que os participantes são todos de nacionalidade chinesa. Os alunos que frequentam o 1º ano do curso têm, em média, 19 anos, enquanto os alunos do 2º ano têm 20 anos. Há uma grande desigualdade na distribuição de género dos alunos da amostra: o sexo feminino, representando 88% da amostra, supera bastante o sexo masculino, que se faz representar por apenas 12% da amostra “[...] duma forma empírica sabemos que em muitos outros contextos são as mulheres as que mais frequentam os cursos de línguas.” (Grosso, 1999).

No que diz respeito à naturalidade dos participantes, concluiu-se que a maioria (126 participantes) é natural da província de Hunan (77,8%); 34 participantes (21%) são naturais de províncias limítrofes, na sua maioria: Sichuan (8,6%), Cantão (3,7%), Hubei (3,7%), Guizhou (1,8%), Guangxi (0,6%), Hebei (0,6%), Henan (0,6%), Jiangxi (0,6%) e Yunnan (0,6%); 2 dos participantes não responderam a esta questão. A Figura 1 ilustra a proveniência dos participantes deste estudo.



Fig. 1 – Mapa das províncias da China

Fonte: <http://chinaysusconflictosenlaactualidad.wordpress.com>

A língua chinesa é, na verdade, uma família de línguas que pertence ao ramo sino-tibetano. Engloba sete dialetos principais: Mandarim (官話), Cantonês (廣州話, 廣府話), Hakka (客家話), Wu (吳語), Min (閩語), Xiang (湘語) e Gan (贛

語) (Fig. 3). O mandarim (普通話 Pǔtōnghuà – Língua Comum) é o idioma oficial da região de Pequim e a língua oficial.



Fig. 3 – Mapa das línguas chinesas

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Map_of_sinitic_languages-en.svg

No que diz respeito à língua materna, 156 dos participantes (96,3%) tem o mandarim como língua materna, enquanto 6 deles (3,7%) falam cantonês.

Todos os participantes estudaram Inglês como primeira língua estrangeira. A questão sobre o número de anos que estudaram inglês tem por objetivo

mostrar as desigualdades no ensino de línguas na China. Em 2002, o Ministério da Educação Chinês apresentou um novo requisito:

“...from now on, students from cities and developed areas will start to learn English from grade 3 of primary schools; students in remote areas from grade 1 of middle school” (Lin Lin, “English Present Education in China”, ABD 2002 Vol. 33 No. 2, pp. 8).

Enquanto 55% dos alunos tiveram oportunidade de estudar inglês durante 6 a 7 anos, cerca de 45% dos alunos afirma ter estudado inglês durante 10 a 11 anos. Verifica-se que, apesar do esforço do Ministério da Educação Chinesa, em 2002, não foi possível aplicar a lei referente ao estudo do inglês em todo o território continental chinês. À data da implementação desta lei, a maioria dos alunos inquiridos frequentava o ensino primário, devendo portanto, pelo menos, ter o inglês como língua obrigatória a partir no 1º ano do 2º ciclo de estudos (o equivalente ao 7º ano em Portugal). No entanto, quatro alunos afirmam ter estudado inglês num período igual ou inferior a 5 anos.

Em média, os alunos do 1º ano estudaram inglês durante 7 anos de estudos e os alunos do 2º ano cerca de 5 anos.

A língua portuguesa é, para a grande maioria dos inquiridos, a 2ª língua estrangeira (160 alunos – 99%). Apenas dois alunos apresentam um percurso diferente; para um deles, a segunda língua estrangeira foi Espanhol e para o outro foi Japonês.

Para além da Língua Inglesa e da Língua Portuguesa, 14% dos participantes tem conhecimentos de uma terceira língua estrangeira: dez alunos iniciaram o estudo de Japonês (6,2%), dois alunos Coreano (6,2%), um Espanhol (0,6%) e um Francês (0,6%).

Nenhum dos alunos tinha conhecimentos de Português antes de ingressar no curso.

A questão 8 é uma averiguação das motivações para a escolha do curso de Português.

“El aprendizaje como el estudio permanente de la conducta como resultado de la experiencia, entonces la motivacion es la activacion de la conducta, su fuerza y dirección.” (Cross, 1984).

De modo a não condicionar as respostas e porque as motivações na aprendizagem são bastante complexas, questionaram-se as motivações que levaram estes alunos a escolher o curso de português, em vez de outra língua, através de uma pergunta aberta, tendo-lhes sido dada a possibilidade de apontar mais do que uma motivação.

Enumeram-se de seguida, por ordem de preferência, as principais motivações que levaram à escolha da aprendizagem de Língua Portuguesa

Alunos de 1º Ano

1. Ganhar muito dinheiro (23,3%)
2. Trabalho / Conseguir um bom emprego (11,7%)
3. Português é uma língua útil / importante (11,3%)
4. Tornar-se Tradutor (5,6%)
5. Gostar da Língua Portuguesa (4,9%)
6. Querer visitar e/ou viver no Brasil (4,5%)
7. Português é uma língua bonita (4,5%)
8. Português é interessante (3,8%)

Alunos de 2º Ano

1. Trabalho / Conseguir um bom emprego no futuro (19,1%)
2. Ganhar muito dinheiro (14,7%)
3. Gostar de estudar línguas (9,6%)
4. Querer conhecer a cultura portuguesa (6,6%)
5. Ter interesse em conhecer culturas estrangeiras (5,9%)
6. Viajar / conhecer outros países (6,6%)
7. Gostar da língua portuguesa (4,4%)
8. Querer visitar e ou viver no Brasil (4,4%)

A motivação mais apontada pelos alunos do 1º ano, “*Ganhar muito dinheiro*”, está associada às necessidades de segurança. Sem dinheiro a perceção de segurança fica comprometida a vários níveis, comprometendo também muitas vezes o primeiro nível da pirâmide, visto que sem dinheiro não é

possível comprar comida, uma necessidade básica do ser humano. Daí a extrema importância que desde sempre se atribuiu ao dinheiro e à riqueza (Elói, 2012).

A partir do momento que as necessidades básicas estejam satisfeitas, o dinheiro perde alguma importância. Por exemplo, o reconhecimento social, nomeadamente o reconhecimento do seu trabalho, poderá surgir como uma necessidade mais importante que o dinheiro.

Observe-se, 30,2% dos alunos inquiridos revela não estar satisfeito com a aprendizagem de português. Contudo, 91,8% dos alunos pretende continuar a estudar português e apenas 10,5% releva que gostaria de mudar de curso. Esta atitude pode ser associada as motivações extrínsecas; apesar de não estar satisfeito, o aluno tem consciência que será recompensado assim que acabar o curso, isto é, encontrará um emprego, que lhe proporcionará um salário que, por sua vez, irá satisfazer as suas necessidades básicas.

Ambos os grupos (1^o e 2^o ano) apresentam como principais causas para a escolha do curso de portuguesas motivações de ordem extrínsecas: *ganhar muito dinheiro e a possibilidade de encontrar um bom emprego*, seguidas de motivações intrínsecas, como por exemplo, *gostar de estudar línguas, querer conhecer a cultura portuguesa, ter interesse em conhecer culturas estrangeiras, viajar / conhecer outros países, gostar da língua portuguesa, querer visitar e ou viver no Brasil*.

Outra forte motivação apontada por ambos os grupos de alunos é “Conseguir um bom emprego”, que está estreitamente ligada as motivações extrínsecas, tal como o dinheiro

“Seis a sete milhões de novos licenciados saem anualmente das universidades chinesas, excedendo as ofertas de emprego disponíveis no mercado” (Liu, 2013). O número de licenciados em língua portuguesa, quando comparado com outras línguas mais estudadas, como é o caso do inglês ou do coreano, é ainda relativamente baixo, o que aumenta a possibilidade de empregabilidade na China Continental. De modo a “fugir” ao desemprego e em busca de oportunidades mais bem remuneradas, sobretudo no setor privado, o português apresenta-se como uma excelente escolha. O Português tem um retorno do ponto de vista do emprego, o que não acontece com outras línguas”,

(Torres-Pereira - embaixador de Portugal na China, 2013.) Além disso, a China continua a investir em força no Brasil e no mercado Africano, nomeadamente em Angola. Por estes motivos, "Os chineses que falam português são muito procurados" (Liu, 2013).

É importante referir que 5 alunos (4 alunos do 1º ano e 1 aluno do 2º) que apontaram motivações económicas para a escolha do curso, acrescentaram também que o fizeram com o intuito de "cuidar dos pais e dar-lhes uma vida melhor". O sistema de pensões na China é deficitário e as desigualdades sociais imensas. "China has recognized the unsustainability of its pension system a long time ago, and fundamental work on 'first pillar pensions' is well in progress.". Deste modo, cabe aos filhos cuidar dos pais. Com a chamada "febre da educação", os pais chineses investem tudo o que têm, podendo mesmo chegar a vender o carro ou a casa para poder proporcionar uma boa educação aos seus filhos. Assim, no pensamento do povo chinês, após terminarem o curso, os filhos passam a ser os responsáveis pelos pais.

"...the understanding is that Chinese children must spend their lives repaying their parents by obeying them and making them proud. By contrast, I don't think most Westerners have the same view of children being permanently indebted to their parents. My parents always paid for everything, but fully expect to be cared for and treated with respect and devotion when they get old." (Chua, 2011, p. 60)

Saídas Profissionais

Quando questionados se pretendiam ou não usar português no seu futuro profissional, 153 alunos (94%) responderam que sim e apenas 9 (6%) responderam negativamente, como se pode observar no gráfico da Figura 4.

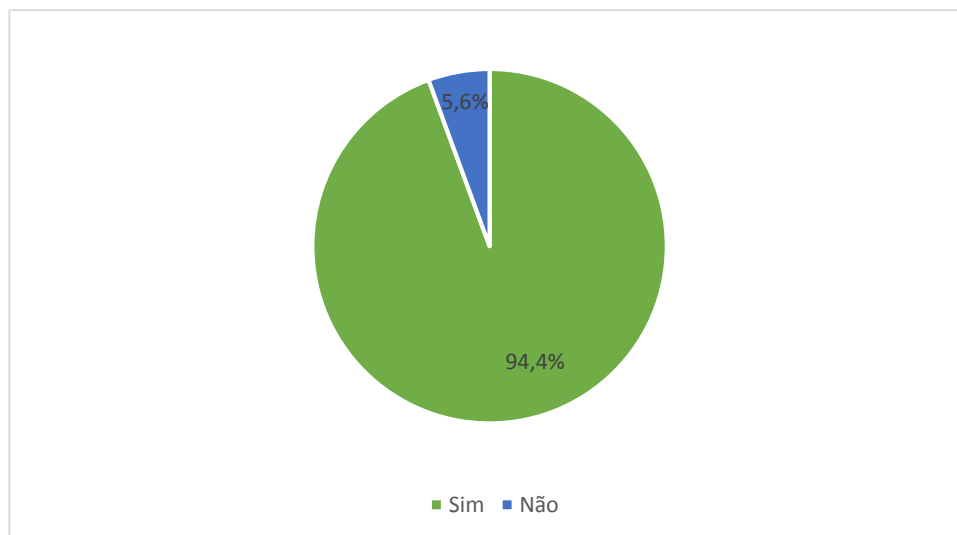


Fig. 4– Usar português no seu futuro profissional

Fonte: Inquérito 1

As opiniões dos 153 alunos de 1º e 2º ano são unânimes no que diz respeito ao campo em que pretendem utilizar o português no seu futuro profissional: a maioria pretende exercer funções de tradutor / intérprete (64,1%) e professor (9,80%), como se pode verificar na Tabela 2:

9.2) Resposta afirmativa - Para quê?	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	Total (1º e 2º Ano)	Total %
Tradutor / Intérprete	65	60,8%	33	71,7%	98	60,49%
Professor	14	13,1%	1	2,2%	15	9,26%
Tradutor ou Professor	8	7,5%	3	6,5%	11	6,79%
Guia	2	1,9%	0	0%	2	1,23%
Trabalhar numa empresa ligada aos PALOP	2	1,9%	0	0%	2	1,23%
Trabalhar numa empresa privada	2	1,9%	0	0%	2	1,23%
Recursos Humanos	0	0%	1	2,2%	1	0,62%
Tradutor ou Secretário	0	0%	1	2,2%	1	0,62%
Outros	17	9%	2	0,0%	19	11,73%
Não respondeu	4	3,7%	7	15,2%	11	6,79%
Total	114	100%	48	100%	162	100,00%

Tabela 2 – Preferência das áreas profissionais para os alunos que pretendem continuar a estudar português.

Fonte – Inquérito 1

Aqueles que indicaram não pretender usar português no seu futuro profissional (onze alunos), na sua maioria, apontam um nível de português demasiado baixo como causa principal.

A questão seguinte prende-se com a vontade de emigrar depois de terminar o curso. A maioria dos alunos (69,1%) afirma que pretende continuar a viver na China e 30,9% dos estudantes mostra vontade de emigrar, mas aqui encontramos algumas diferenças nas preferências do país de emigração entre os alunos do 1º e 2º ano, como se pode verificar no gráfico da Figura 5.

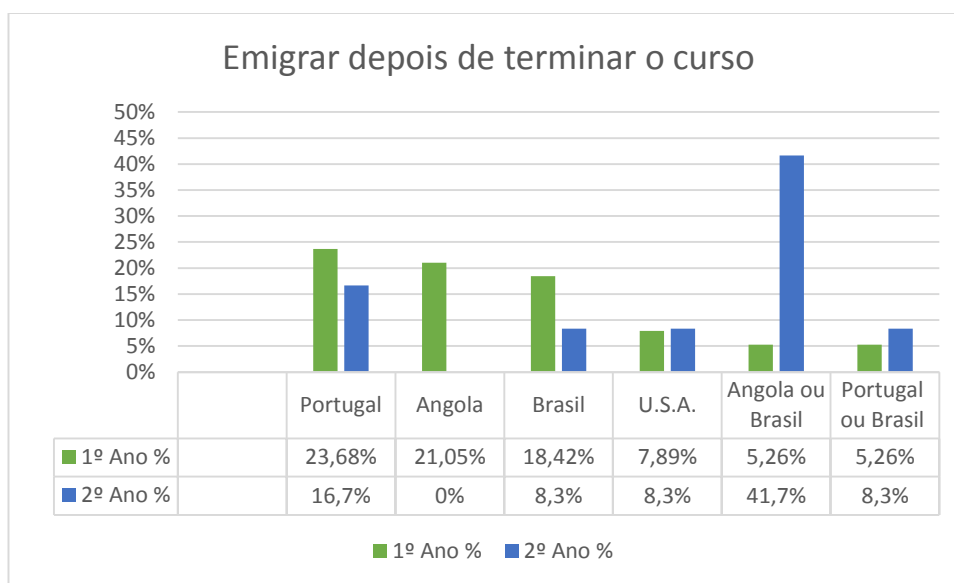


Fig. 5 – Emigrar depois de terminar o curso

Fonte: Inquérito 1

Desde Janeiro de 2007 que a China se propôs a um aumento do investimento das empresas chinesas nos países da CPLP, “o Governo vai encorajar as empresas a investir nos Países de Língua Portuguesa (PLP) e estabelecer parcerias com o objetivo de ajudar a desenvolver as indústrias locais e criar novos empregos”. (Silvares, 2007).

O investimento da China nos Países de Língua Oficial Portuguesa, em particular no Brasil e em Angola, onde se concentram algumas das maiores fontes de recursos naturais no mundo, surge como justificativa para a escolha dos destinos de emigração. Portugal começou há pouco a ganhar maior interesse por parte dos investidores chineses aquando da privatização da EDP

pela China Three Gorges e, mais recentemente, no início de 2013 ao apresentar as suas políticas bastante atrativas para captação do capital e investimentos estrangeiros em Portugal, através da atribuição do Golden Visa.

Curiosamente, 8% dos alunos escolheu os EUA como destino de emigração. O “sonho americano” continua vivo e de boa saúde na China. Apesar de se sentirem orgulhosos sobre o quão longe a China conseguiu chegar num período relativamente curto, mas ainda assim declaram “our ultimate goal is to be like the Americans, with their big houses, ample space and large cars. That’s what we dream about” (Richter, 2010, página).

No gráfico da Figura 6 estão representados os dados sobre as profissões que os inquiridos pretendem realizar. Através de uma questão de resposta fechada com possibilidade de escolha múltipla, questionaram-se os participantes sobre a tipologia de trabalho que gostariam de realizar após o curso, e tal como na questão 9.2, as respostas de ambos os grupos (1º e 2º ano) assemelham-se: em lugar de destaque surge a opção B – Trabalhar numa empresa privada com ligações aos PALOP e, em segundo lugar, os alunos escolheram a opção A – exercer um cargo público (trabalhar num Ministério, numa embaixada, consulado, alfândega, etc.)

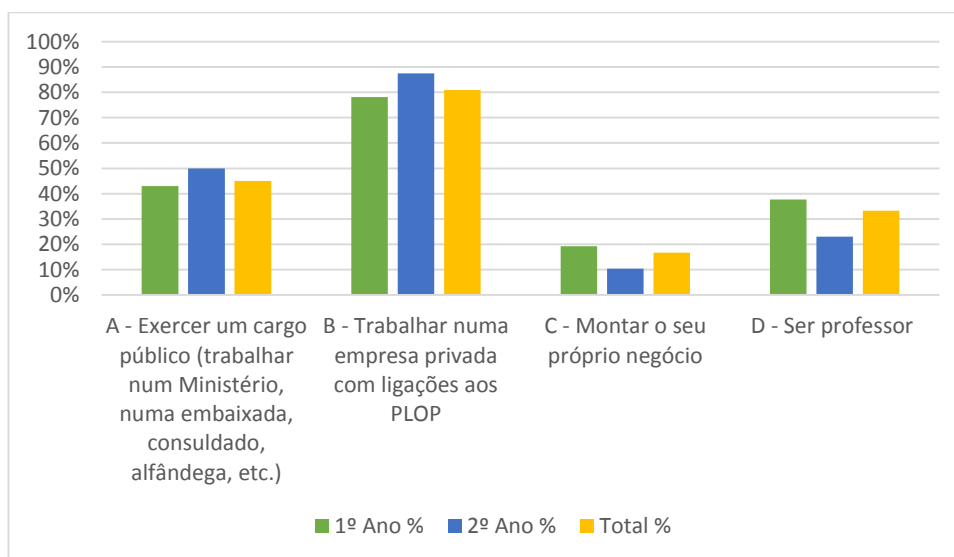


Fig. 6 – Trabalho que gostaria de realizar após o curso

Fonte: Inquérito 1

O seguinte tópico prende-se diretamente com a aprendizagem de português. Questionados sobre a satisfação com o curso de português, a maioria dos alunos revela estar satisfeito com o curso (Figura 7), mas observou-se uma ligeira diferença entre o 1º e o 2º ano (cerca de 10% dos alunos), tendo sido o 2º ano a apresentar uma menor satisfação. Esse dado pode estar relacionado com o facto de, por vezes, os alunos realizarem as escolhas do curso conhecendo muito pouco sobre a totalidade das implicações do mesmo em termos de tarefas, dificuldades e responsabilidades. Além disso, no primeiro ano de aprendizagem tudo é novidade e o interesse aumenta. Com o aumentar das exigências e dificuldades do curso, e visto que a motivação e a satisfação são variáveis inconstantes, a satisfação pode sofrer alterações. Períodos de insatisfação, frustração e desejo de mudança são comuns (Lassance, 1997), à medida que o aluno vai passando por diferentes experiências.

Segundo Lassance (1997), existem dois fatores principais que influenciam os níveis de satisfação da escolha vocacional: o primeiro está ligado à identificação do aluno com a área que escolheu, pois “assumir um compromisso com a escolha do curso, promove uma avaliação mais otimista das possibilidades, relativiza as dificuldades eventuais para a obtenção de resultados e promove um maior bem-estar psicológico” (Bardagi, Lassance & Paradiso, 2003).

Lassance (1997) identificou e descreveu 4 fases distintas na relação entre o aluno, a escolha e o curso. A primeira fase seria de entusiasmo, a entrada na universidade e a expectativa com o início da formação. A fase seguinte marca a deceção com o curso, os professores, a instituição, as condições de aprendizagem e inclui preocupações com uma possível re-escolha profissional. O terceiro momento mostra um aumento pelo interesse na continuidade do curso. Nesta fase, o alistamento em atividades académicas é fundamental para a satisfação e o comprometimento. O quarto, e último, momento observado caracteriza-se pela proximidade com o término do curso. A qualidade das atividades exercidas e a avaliação da formação produzem, nessa fase, as expectativas para o início da atividade profissional. Um estudo americano, realizado com 165 formandos de 35 áreas diferentes confirmou a importância do

envolvimento em atividades acadêmicas, mostrando que a realização de estágios, acompanhados ou não de trabalho na área, aumenta a cristalização da escolha (Brooks, Cornelius, Greenfield & Joseph, 1995).

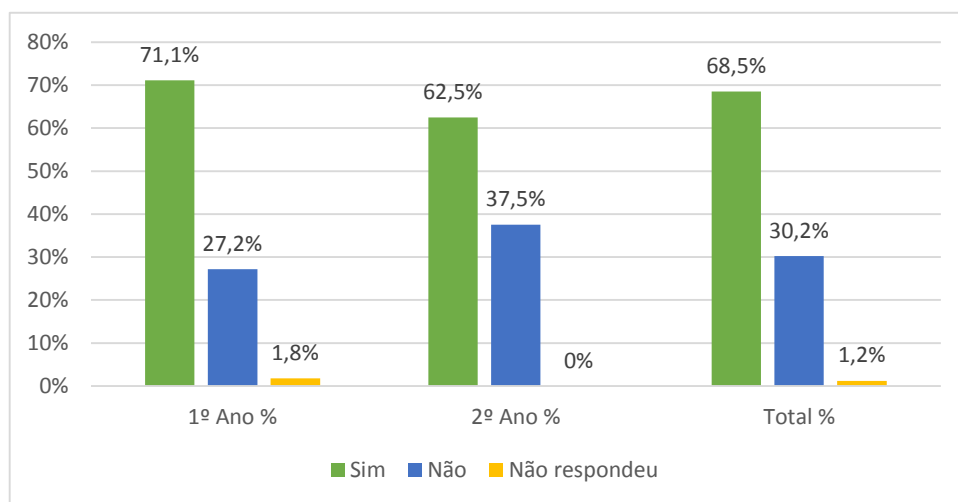


Fig. 7 – Satisfação com o curso

Fonte: Inquérito 1

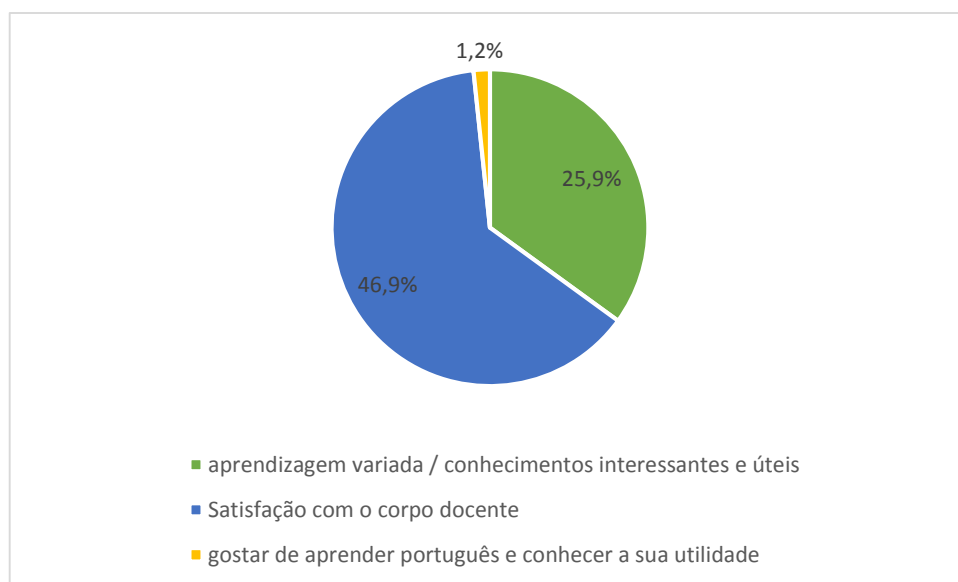


Fig. 8 – Razões da satisfação com o curso de Português – 1º Ano

Fonte: Inquérito 1

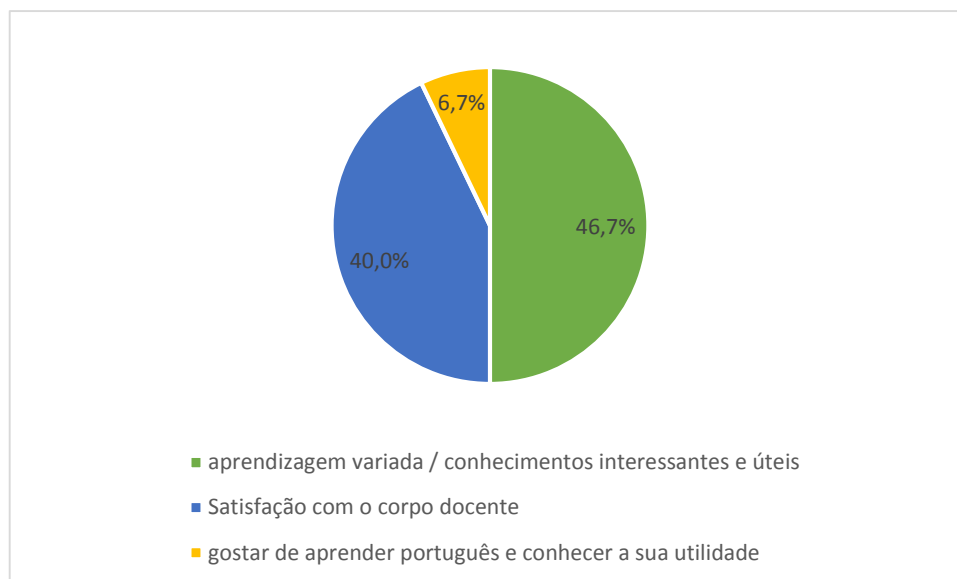


Fig. 9 – Razões da satisfação com o curso de Português – 2º Ano

Fonte: Inquérito 1

A Figura 8 e a Figura 9 apresentam graficamente os motivos da insatisfação e satisfação com o curso, respetivamente. No que concerne à insatisfação com o curso de português (30,2%), os alunos apontaram como principais motivos o número de aulas de português ser insuficiente e os recursos usados insuficientes, nomeadamente, o acesso a bons manuais. De facto, não basta que o manual forneça aos alunos toda a informação essencial de que eles carecem, é preciso que a ponha à disposição de forma clara e acessível (AZENHA, 1997). Embora na China já existam alguns manuais de língua portuguesa com explicações teóricas em chinês, ainda não existe um que esteja devidamente adequado ao ensino de língua portuguesa a este grupo de alunos.

Outras razões apontadas para a insatisfação com o curso foram “os leitores ensinam pouco”, “discordância com os métodos de ensino na aula de audição” e “muitas pessoas por turma”.

No que diz respeito à questão sobre se o número de aulas de português por semana seria suficiente, ambos os grupos estão de acordo que não (75,9%). Com uma carga semanal de 24 ou 26 horas, para o primeiro ano e 2º, respetivamente, 14 ou 16 horas são destinadas às disciplinas de português e 10 horas destinadas às outras disciplinas. Não devemos esquecer que se trata aqui

de uma aprendizagem de não imersão linguística e uma média de 2:30 horas de aulas de português por dia é, de facto, insuficiente para uma boa aprendizagem.

“O ensino-aprendizagem de uma outra língua é um processo multidimensional e complexo tanto para o ensinante como para o aprendente” (Ançã, 2007). Enquanto a aprendizagem em contexto de imersão linguística se dá a um ritmo muito mais acelerado, quer seja pela quantidade de recursos, quer pela variedade e extensão de meios a que o aluno está exposto à língua, promovendo importantes contactos diretos e indiretos com os falantes da língua alvo, no contexto de não imersão linguística o aluno apenas experiencia a língua em sala de aula e através de tarefas pensadas e pedidas pelos professores ou manuais.

A questão 10.10) questionava os alunos sobre que exercícios/atividades lhe parecem mais eficazes para aprender a língua, em contexto de sala de aula (Figura 10 e Figura 11).

O 1º ano apontou sobretudo exercícios de oralidade, como por exemplo fazer diálogos / conversar com os colegas (20,3%), falar / interagir com os professores ou leitores (20,3%), mostrando a vontade dos alunos em se expressarem mais oralmente em português, e ver filmes e ouvir música (22,7%) e fazer jogos (17,2%). A justificativa para a escolha destas duas atividades prender-se-á, em primeiro lugar, com o facto de os filmes e a música serem representativos da cultura dos países da língua a ser estudada, mas na parte dos jogos adivinha-se um desejo de “menor pressão na aprendizagem”. Em geral, os alunos chineses desde que ingressam no ensino primário (alguns até antes disso mesmo) até à realização do exame de ingresso à universidade – *Gaokao* – têm um horário de aulas bastante extenso.

Esta pressão, aliada à febre educacional e às aspirações que os pais, muitos dos quase tiveram um acesso limitado à educação, têm para os seus filhos, é agravada pela política do filho único, que concentra todas as atenções dos pais e dos avós num só indivíduo.

“Particularmente nos primeiros tempos, a aprendizagem deve assumir um certo carácter lúdico. (...) o que conta é sobretudo a aprendizagem que o jogo proporciona e não o jogo pelo jogo.” (Azenha, 1997)

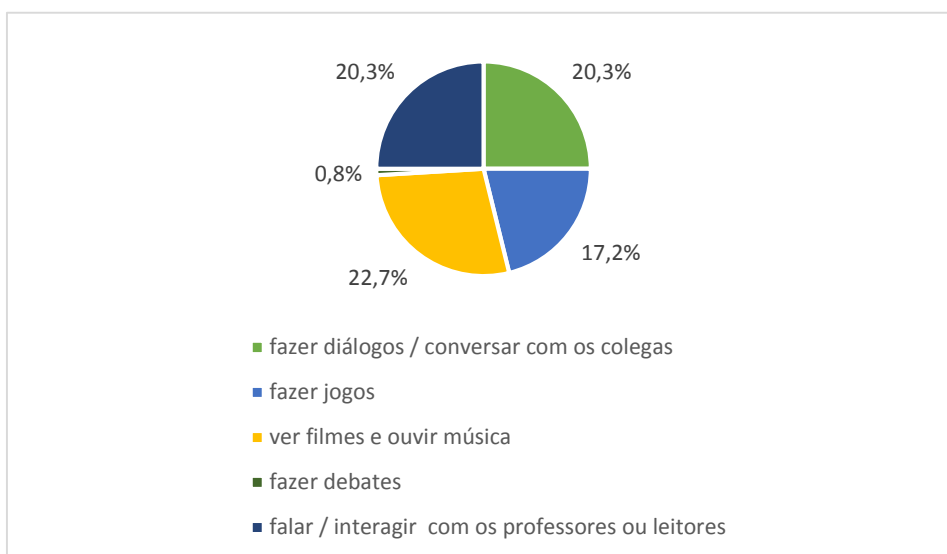


Fig. 10 – Atividades mais eficazes na aprendizagem – 1º Ano

Fonte: Inquérito 1

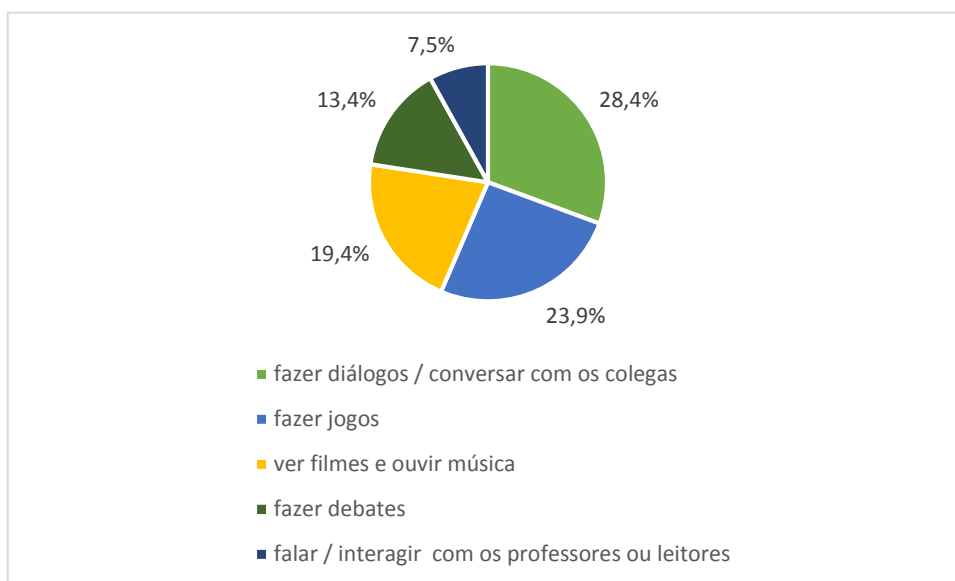


Fig. 11 – Atividades mais eficazes na aprendizagem – 2º Ano

Fonte: Inquérito 1

A questão 10.12 “O número de alunos influencia as aulas de oralidade?” não foi colocada da forma mais correta, visto que a influência pode ser positiva ou negativa. Deste modo, não se pode garantir o verdadeiro significado das respostas. Chegou-se a esta conclusão após verificar que 46,5% dos alunos do 1º Ano considerou que sim, mas 52,6% não concordou. Note-se que as turmas

do 1º ano tinham cerca de 43 alunos cada. Quanto ao 2º ano, defenderam, na sua maioria (64,6%) que o número de alunos influencia, enquanto que 33,3% considera que não há influência. Curiosamente, as turmas do 2º ano são bem mais reduzidas que as do 1º, havendo menos de 30 alunos por turma. Um sinal de que houve, de facto, uma má elaboração da questão e posteriormente os resultados não poderiam ser validados, foi quando um aluno respondeu que Sim, o número de alunos influenciava e, logo na questão seguinte, onde era pedido para que explicassem a resposta de cariz afirmativo, o aluno responde “Quando tem pouca gente a aula fica aborrecida”.

De qualquer modo, nesta questão que se pedia para justificar e, apesar da abstenção de 25 alunos, os restantes afirmam que o número de alunos influencia pelo facto de reduzir as oportunidades ou o tempo de expressão oral de cada aluno, inviabilizando uma boa aprendizagem da língua e inibindo o professor de conhecer os alunos e avaliar as suas dificuldades no ensino/aprendizagem da língua.

7.2) Resultados - Inquéritos do 3º ano

A segunda parte deste trabalho prende-se com o estudo de 5 alunos do ISLEH a realizar estágio em Angola. Pretende-se analisar o uso de língua portuguesa por parte deste grupo de alunos chineses em Angola, as principais dificuldades linguísticas que encontram no seu dia-a-dia, em contexto laboral, o que fazem para as ultrapassar, bem como analisa-se a preparação do curso de português no ISLEH se adequa ao mercado de trabalho onde se inserem.

Tal como os alunos do 1º e 2º anos, também aqui, neste grupo, todos os alunos são de nacionalidade chinesa, nenhum tinha conhecimentos de língua portuguesa antes de ingressar e a média de idade ronda os 22 anos. Os cinco sujeitos deste inquérito são todos do sexo feminino, padrão este já justificado na análise do estudo anterior. No que diz respeito à naturalidade, mais uma vez estamos perante um quadro onde os alunos são da província onde se localiza o Instituto ou de províncias circunjacentes, ora vejamos: duas alunas são naturais de Hunan, duas de Hubei e uma de *Sanxi*. Todos os inquiridos apresentam mandarim como língua materna, inglês como primeira língua estrangeira e português como segunda língua estrangeira. Mais uma vez, tal como no inquérito anterior, verificam-se desigualdades nos anos de aprendizagem da língua inglesa, tendo três alunas indicado 3, 6 e 9 anos de estudo de inglês, enquanto outras duas alunas indicaram terem estudado inglês durante 10 anos. Quanto às motivações apresentadas para a escolha do curso de português, as principais fontes de motivação apresentadas foram: gostar de aprender línguas estrangeiras, boas perspectivas de emprego e perspectivas de um salário elevado. Entre outras das motivações apontadas, surgem o facto de haver poucas pessoas a estudar língua portuguesa na China, a vontade de conhecer Portugal, Brasil e Angola, interessar-se pela cultura portuguesa e do Brasil e querer viver em Portugal.

Em relação ao estágio, as alunas encontram-se a trabalhar em Luanda, duas das inquiridas estão na CGC, duas na Kangli, Beijing Biological Technology Co., Ltd. e uma na Citic. Todas afirmaram usar português no seu trabalho e todas acreditam também ter perspectivas de trabalhar na empresa onde se encontram a realizar estágios. Quando questionadas sobre se tinham perspectivas de emprego na empresa onde estão a estagiar, foi-lhes também pedido que

justificassem a sua resposta. Por respostas como “3) "Sim, eu preciso praticar português na Angola e estudar conhecimentos de construção.", Sim, porque estou a trabalhar na minha empresa posso estudar mais. Fornece uma oportunidade fala português, posso aproveitar esta oportunidade. A minha empresa é grande tem uma boa perspectiva na Angola." E 2) "Sim, acho que posso aperfeiçoar o meu português e aprender muito sobre a construção." Depreende-se que nem todos os inquiridos entenderam bem a questão. O questionário foi totalmente aplicado em língua portuguesa, não havendo lugar a tradução para a língua chinesa, por se acreditar que, tratando-se de alunos do 3º ano, tal não se justificava. Acredita-se também que a questão estava bem elaborada, porque das outras duas inquiridas obtiveram-se as seguintes respostas: 1) "Sim. A empresa está a expandir os negócios para mais províncias da Angola, e precisa duma grande quantidade de tradutores e pessoal administrativo." E 4) "Sim, porque a empresa que estou tem o futuro que posso ganhar dinheiro e experiências.".

No que diz respeito às principais dificuldades que enfrentam no contexto laboral, os sujeitos apresentaram os seguintes problemas: diferenças de linguagem do português de Portugal e do português de Angola e a dificuldade de compreensão oral ("Hábitos de linguagem angolanos e dialetos locais." e "Audição, porque os angolanos falam muito rápido e a forma de pronúnciação é diferente em diferentes regiões."), a conjugação dos verbos e a tradução de língua portuguesa para língua chinesa ("Quando uso palavras de verbo precisa mudar e quando traduzo documentos de Português para Chinês."), bem como o desconhecimento de vocabulário relacionado com a Construção Civil ("Não conheço muitas palavras de construção." e "O vocabulário profissional sobre construção."). Até ao ano letivo de 2012/2013 os alunos sempre tiveram aulas com leitores portugueses e os recursos usados eram basicamente em português de Portugal e Português do Brasil. Embora, pontualmente, se fizessem intervenções nas aulas sobre as diferenças de vocabulário usado nos diferentes países de língua oficial portuguesa e os alunos pudessem já em Changsha ter algum contacto em língua portuguesa com alunos angolanos a estudar em Changsha, tal não foi suficiente. No que diz respeito às conjugações verbais esta é uma “dor de cabeça” para os alunos chineses, já referido no estudo anterior. A

língua chinesa não tem conjugação verbal e embora a língua inglesa tenha , de uma forma bem mais simplificada que a língua portuguesa, os alunos têm grandes dificuldades em interiorizar a complexidade deste requisito linguístico. É extremamente difícil para um aluno chinês entender porque é que para cada pessoa do singular e para cada pessoa do plural há uma conjugação diferente e as coisas complicam-se ainda mais quando se trata de pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito.

“A língua portuguesa é extremamente difícil do ponto de vista chinês....vieram os verbos portugueses, que nos tornaram a vida estudantil ainda mais pesada. Estes precisam de ser conjugados de acordo com pessoa, número, tempo, aspecto e modo, enquanto em chinês, a forma de um verbo nunca se altera.” (Ran, 2012, p.35)

Para tentar ultrapassar essas dificuldades de uso da língua portuguesa em contexto laboral, os inquiridos afirmam que questionam os colegas e fiscais de obra, comunicam mais com os angolanos nos seus tempos livres, ouvem a rádio, leem jornais angolanos e consultam livros da área da construção civil.

Questionados sobre se “considera que o curso o preparou bem para o mercado de trabalho e funções que desempenha neste momento”, três responderam que sim, enquanto dois responderam negativamente. Dos que responderam afirmativamente, justificam a resposta pelo facto de terem conseguido adquirir bons conhecimentos de base em língua portuguesa, o que lhes tem permitido comunicar no seu dia-a-dia com o povo angolano – “c. Posso comunicar bem com os angolanos e posso ajudar o meu chefe para resolver os problemas.” a. “Já aprendi sistematicamente o básico do português na universidade e a gramática principal já usada habilmente na vida, só recitei e expandi o vocabulário da área medicinal e o conhecimento médico depois de começar o estágio.”. Os dois inquiridos que admitiram não estar satisfeitos com o curso assinalaram como principais motivos a necessidade de introduzir atividades mais práticas no plano de aulas, a criação de programas de intercâmbio com Universidades nas comunidades lusófonas e a criação de disciplinas de português para fins específicos, nomeadamente “português na área da construção civil”, como se pode confirmar pelas seguintes declarações: “Mais debates, concursos e criação de programas de intercâmbio em Macau,

Brasil ou Portugal.” e “Deve abrir Curso de conhecimentos de construção.”.

Quanto ao uso de português no dia-a-dia (Figura 12), 80% assegura que usa bastante a língua portuguesa, e apenas 20% classifica o seu uso de português como baixo, embora o uso seja em contexto pessoal e laboral. Questionados sobre as suas perspetivas em relação ao mercado de trabalho, a maioria referiu que pretende continuar a apostar na língua portuguesa, estudando, adquirindo mais vocabulário, para assim melhorarem o seu nível e progredirem na carreira - “Vou aperfeiçoar o meu português e conhecer bem a construção para ser uma gerente aqui.”

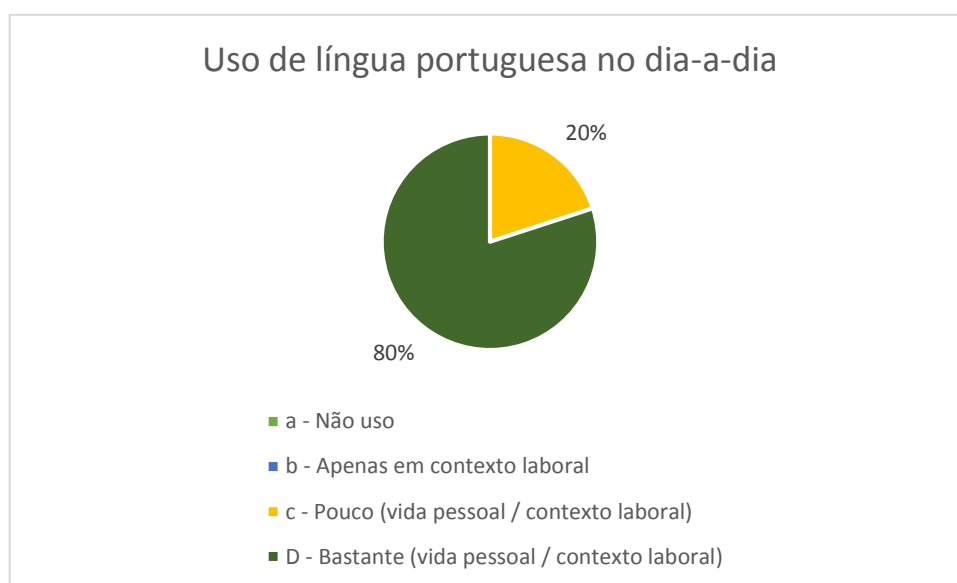


Fig. 12 – Uso da língua portuguesa no dia-a-dia – 3º Ano

Fonte: Inquérito 2

Após a conclusão do estágio, três dos inquiridos pretendem mudar-se para o Brasil ou para Portugal, a fim de estudarem e melhorarem o seu nível de português, embora dois deles tenham referido que primeiro ainda querem trabalhar durante mais algum tempo em Angola. Os outros dois inquiridos pretendem continuar a trabalhar nas empresas onde estão a realizar o estágio.

Questionados sobre a satisfação com o curso e um pouco no seguimento de uma das perguntas anteriores sobre se o curso, o tinha preparado bem para o trabalho que estão a realizar, 40% afirma estar satisfeito pois gosta de estudar língua portuguesa e a dificuldade de aprendizagem da mesma não o desmotiva.

O segundo mostra-se feliz pelo facto de o que aprendeu no curso lhe permitir comunicar com os colegas angolanos. No caso das alunas que responderam negativamente, uma não justificou e as outras duas apontaram como principal causa para esse descontentamento um insuficiente número de aulas e uma curta duração do curso. Dos 5 inquiridos, apenas um não pretende prosseguir com os estudos, enquanto 80% diz que quer continuar a estudar português, nomeadamente, uma pós-graduação (20%) ou outro tipo de curso realizado no Brasil ou em Portugal (40%). No seguimento destas questões sobre a insatisfação com o curso, deparamo-nos com uma percentagem de 100% de descontentamento com um insuficiente número de aulas de língua portuguesa por semana. No caso dos recursos utilizados, a percentagem de insatisfação também é grande, superior aos alunos do primeiro e segundo ano referidos no estudo. Com o crescente aumento da procura de cursos de língua portuguesa, tem surgido também um aumento da oferta de materiais, por isso, há tendência para que não haja tanta insatisfação com os recursos por parte os alunos dos anos letivos atuais, visto que a variedade de recursos está a aumentar. Quanto às explicações teóricas e às propostas de trabalho práticas, 40% dos inquiridos refere que estas foram suficientes, mas 60% não partilha da mesma opinião. Os alunos defendem que o plano do curso devia conter mais aulas de língua portuguesa e deviam aumentar os recursos ao dispor dos alunos, não só manuais escolares, mas também jornais e revistas, bem como mais explicações sobre as diferenças da língua portuguesa nas diferentes regiões. De facto, os alunos têm uma melhor informação e acesso a recursos sobre as diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil, mas, visto que todos os alunos que realizaram o seu estágio fora da China o fizeram em Angola, há que ajustar o plano do curso às necessidades que estes alunos apontam.

As atividades práticas mais eficazes para a aprendizagem da língua portuguesa que foram apresentadas foram as seguintes: falar com o leitor e a elaboração de “diálogos situacionais”, seguida da elaboração de apresentações sobre países, cidades e empresas. No 1º semestre do 3º ano, estavam inseridas no plano atividades de pesquisa e apresentação de informação como estas referidas pelos alunos, o que os obriga a pesquisar mais informação, deixando de ser meros agentes passivos e proporcionando-lhes mais oportunidades

práticas para se exprimirem em português.

. As alunas referiram ainda os jogos com enigmas e ver filmes em língua portuguesa, o que está relacionado com a necessidade de inserir a parte lúdica na aprendizagem de modo a motivar os alunos. Nas sugestões sobre o que pode ser melhorado no plano do curso, as opiniões são unânimes: aumento do número de horas de aulas de expressão oral e de audição, bem como a criação de uma disciplina de português para fins específicos, facto já justificado anteriormente, pela necessidade do contexto laboral em que se inserem estes alunos. Os métodos mais frequentes a que os sujeitos recorrem para a aprendizagem da língua portuguesa são principalmente consultar dicionários, gramáticas e livros e ouvir música portuguesa (80% dos inquiridos), seguidos de memorização e recitações, falar com os colegas em português, falar com outros nativos de língua portuguesa e ver filmes em português.

Considerando a dificuldade da aprendizagem de língua portuguesa por parte deste grupo de alunos chineses, apenas uma referiu que considera a aprendizagem fácil, enquanto duas afirmam que é difícil e outras duas consideram “assim-assim”, sendo que metade dos inquiridos considera a aprendizagem de língua portuguesa mais fácil do que a aprendizagem de inglês. Nas principais dificuldades apresentadas por estes alunos durante a aprendizagem de português, estão a memorização de vocabulário e “os dialetos locais”, nomeadamente o vocabulário próprio do português de Angola e a gramática. Com menor grau de incidência, foram também apontadas as seguintes dificuldades: os conhecimentos de língua portuguesa em áreas específicas (nomeadamente a construção e a área da saúde), a audição, a tradução de documentos formais, entre outros.

Conclusão

A língua portuguesa ocupa um lugar de destaque no âmbito internacional, porque é língua oficial de oito países, em quatro continentes, e sobretudo porque a economia de países como o Brasil, Angola e Moçambique, se encontra em fase de franca expansão. A oferta de recursos naturais destes países e as oportunidades de investimento captaram a atenção da China. Esta superpotência, para além de pretender garantir o acesso aos recursos e aumentar a sua influência no plano económico e político do mundo, necessita, também, de garantir o escoamento dos seus produtos e a criação de mais postos de trabalho, para assim manter a estabilidade social do país. Neste contexto, a corrida aos recursos por parte da China e a necessidade de reconstrução do país Angolano deu origem a inúmeros acordos de cooperação, que se têm intensificado ao longo dos anos e que têm trazido vantagens aos dois países. Verifica-se, assim, que estes acordos de investimento e o aumento das trocas comerciais entre a China e a Comunidade de Países de Língua Oficial Portuguesa é um dos fatores-chave para o aumento da procura de cursos de língua portuguesa na China Continental. É previsível que esta procura continue mas que as exigências, no que concerne à língua portuguesa, se direcionem mais no sentido de aprendizagem para fins específicos, especialmente para os setores em que a China tem uma intervenção mais importante. O ensino da cultura portuguesa é, claramente, relevante mas não será de descurar uma visão mais inclusiva das culturas dos países lusófonos nos programas a propor, integrando alguma informação essencial sobre os mesmos. É importante que Portugal continue a ser solicitado para contribuir na preparação dos estudantes chineses, mas isto implica uma atenção acrescida às necessidades que estes vão tendo.

Ao analisar um grupo de estudantes do ISLEH, concluiu-se que um dos motivos que levaram a maioria dos alunos a optar por este curso foi o facto de ainda existirem poucos chineses licenciados em língua portuguesa, em comparação com os licenciados em língua inglesa. Além disso, outro dos motivos mais referidos no estudo aponta o facto de o curso de português possibilitar mais e melhores oportunidades de emprego, um mercado de trabalho com salários mais aliciantes, o que lhes permitirá proporcionar uma vida melhor

aos seus pais, e a eles próprios. A escolha por este instituto prendeu-se, em primeiro lugar, com o facto de a maioria destes alunos não ter obtido resultados suficientemente altos no *Gaokao* para entrarem numa universidade pública. Em segundo lugar, conseguiu-se apurar que a maioria dos alunos reside na província onde está localizado o Instituto ou numa província limítrofe. A questão da busca por uma melhoria da qualidade de vida é algo inerente a todo o ser humano, mas esta preocupação especial com a garantia de uma boa qualidade de vida aos pais está profundamente ligada à uma das virtudes defendidas pelo filósofo Confúcio - *filial piety*. Ou seja, o respeito pelos pais e antecessores e a necessidade de *pagar de volta* os esforços que os pais fizeram para providenciar os seus estudos.

No segundo inquérito, que teve por base um grupo de alunos do mesmo Instituto a realizar estágio em Angola, concluiu-se que, apesar de estarem a laborar em empresas chinesas, a maioria dos alunos usa a língua portuguesa com bastante frequência, quer no seu trabalho, quer na sua vida social. As principais dificuldades destes alunos prendem-se com o parco conhecimento de vocabulário próprio das áreas onde se inserem os estágios, nomeadamente, na construção civil e na área de medicina e produtos naturais. Além disso, em ambos os grupos destacam-se problemas ao nível gramatical, justificados pelo facto de a gramática da língua chinesa ser mais simples, o que se comprova com a existência de apenas uma forma verbal para todos os sujeitos. Embora a dificuldade da aprendizagem da gramática portuguesa seja sempre uma das principais dificuldades do processo de aprendizagem para os alunos chineses, há necessidade de melhorar os métodos de ensino e providenciar mais atividades práticas.

Para terminar, destaca-se a necessidade de reestruturação do plano do curso, permitindo aos alunos adquirirem alguns conhecimentos prévios sobre as maiores áreas de influência das empresas chinesas em Angola. Importa, também, salientar que se conseguiu apurar que o facto de a língua portuguesa não ser a primeira língua para todos os Angolanos, esta é a língua franca de comunicação entre as diferentes etnias representativas de Angola e entre os angolanos e os chineses que aí se encontram.

Referências Bibliográficas

AICEP Portugal Global (2013). *China- Ficha de Mercado*.

Alves, A. B. (10 de Fevereiro de 2007). *A presença chinesa em África: o caso de Angola*. *Negócios Estrangeiros* - Nº 10.

Alves, A. C. (2011). *China's Oil Diplomacy: Comparing Chinese Economic Statecraft in Angola and Brazil*. Tese de Doutoramento em Filosofia, Departamento de Relações Internacionais, The London School of Economics and Political Science. UK.

Ançã, M. H. (2007). *Aproximação à língua portuguesa*. Aveiro: Cadernos do Leip – Colecção Temas – n.º 1.

Azenha, M. (1997). *Ensino-Aprendizagem das Línguas Estrangeiras (Sugestões para tornar a aprendizagem um prazer)*. Cadernos Pedagógicos. Edições ASA.

Bardagi, M. P., Lassacnce, M. C. P. & Paradiso, A. C.. *Trajetória Acadêmica e satisfação com a Escolha Profissional de Universitários em Meio de Curso*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Orientação Profissional* V. 4, Nº 1-2, São Paulo, Dezembro de 2003.

Campos, I. & Vines, A. (2008). *Angola and China - A Pragmatic Partnership*. Working Paper Presented at a CSIS Conference, "Prospects for Improving U.S. - China - Africa Cooperation", 5 de Dezembro de 2007. Londres, Chathan House.

China y sus conflictos en la actualidad. (consultado em 16 de Junho de 2012).

Obtido de:

<http://chinaysusconflictosenlaactualidad.wordpress.com/2012/06/16/la-republica-popular-china-2/>

Chua, A. (2011). *Battle Hymn of the Tiger Mother*. New York: The Penguin Press.

D'OLIVEIRA, T. (2002). *Teses e dissertações: Recomendações para a elaboração e estruturação de uma tese*. Editora RH.

Elói, J. (2012). Motivação Extrínseca vs. Instrínseca. *in* http://www.psicologiafree.com/areas-da-psicologia/psicologia_clinica/motivacao-extrinseca-vs-intrinseca/#

Consultado em 15 de Julho de 2013

Foster, V., Butterfield, W., Chen, C. & Pushak, N. (2008). China's emerging role in Africa - Part of the changing landscape of infrastructure finance. *Gridlines* N.º 42, Outubro de 2008. Washington DC: PPIAF.

GROSSO, M. J. (1999). *O discurso metodológico do ensino do português em Macau a falantes de língua materna chinesa. Tese de Doutoramento*, Universidade de Lisboa, Lisboa.

Grosso, M. J. (2006). *O desenvolvimento de competências em Língua Portuguesa pelo falante de língua materna chinesa*. Encontro Internacional de Linguística Aplicada: Universidade de Aveiro.

Grosso, M. J. (s.d.). *A Actividade comunicativa em Português do Falante de Língua Materna Chinesa*". Centro de Investigação Didáctica e Tecnologia na Formação de Formadores – UA.

Hatton, C. (2013). *Notícias BBC: China cria lei que obriga filhos adultos a visitar os pais*.

in

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/07/130701_china_visit_parents.shtml

Consultado em 16 de Setembro de 2013.

Instituto Camões (s.d.). História da Língua Portuguesa - Breve Sumário

in <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/brevesum/index.html>

Consultado em 18 de Julho de 2013

Instituto Camões (2013). *Universidades que têm curso de Licenciatura de Língua*

Portuguesa - 2012/2013. Lisboa

Knapp, K. (2002). *Lingua Franca Communication* . Frankfurt: Peter Lang .

Kipnis, A. (2011). *Governing educational desire: culture, politics and schooling in China*. University of Chicago. The University of Chicago Press.

Laborinho, A. P (2012). *Potencial Económico da Língua Portuguesa*. Texto Editores

Lin, L. (2000). *English Education in Present-day China*. ABD, Vol. 33, N.º 2

Li, T. (2005). *O Inglês como Língua Global na China*. Universidade de Aveiro.

Manchete, R. (2007). *Promoção da Língua Portuguesa no Mundo*. Reunião de Trabalho, Fundação Luso-Americana, 5 de Novembro.

Mendes, C.A. (2013). *Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa - Conclusões preliminares do projecto "Uma análise da fórmula "Um país, dois sistemas - O Papel de Macau nas Relações da China com a EU e os Países de Língua Portuguesa"*. Nação e Defesa N.º 134, 5ª Série, pp.279-296.

Norte, G. M. & Rios-Neto, E. (2008). *Línguas Maternas e Escolaridade em Moçambique* - Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais MABEP, realizado em Caxambú, Brasil, de 29 de Setembro a 3 de Outubro.

Observatório da Língua Portuguesa. in <http://observatorio-lp.sapo.pt/pt>
Consultado em 15 de Julho de 2013

Ostler, N. (2007). *Remarks on the History of Portuguese*. *Foundation for Endangered Languages in Promoção da Língua Portuguesa no Mundo*. Reunião de Trabalho, Fundação Luso-Americana, 5 de Novembro.

Ostler, N. (2010). *Lingua Franca - English Until the Return of Babel*. Penguin Group, England.

Ran, M. (2006). *Aprender Português na China - O Curso de Licenciatura em Língua e Cultura Portuguesa da Universidade de Estudos de Xangai: Estudo de Caso*. Universidade de Aveiro, Aveiro.

Reis, C., Laborinho, A. P., Leiria, I., Filipe, M. & Pinheiro, F. (2010). *A Internacionalização da Língua Portuguesa*.

Relatório do I Seminário sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas (1989). Universidade Eduardo Mondlane, Núcleo de Estudo de Línguas Moçambicanas. Nelimo.

Reto, L. (2012). *Potencial Económico da Língua Portuguesa*. Texto Editores.

Rios-Neto, G. M. (2008). *Línguas Maternas e Escolaridade em Moçambique*. XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP.

Shama, Y. (2013). Notícias BBC. Febre por educação leva famílias a vender apartamentos na Ásia.

In

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/10/131016_educacao_asia_fn.s.html

Consultado em 30 de Outubro de 2013.

Silva, J. T. & Breda, Z. (Março de 2012). *Em bicos de pés e de olhos em bico*. Aveiro: Mare Liberium.

Vicente, A. L. & Pimenta, M. (2007). *Promoção da Língua Portuguesa no Mundo*. Fundação Luso-Americana.

Wang, S. (2001). *A Língua Portuguesa na China*. In *Cadernos de PLE*, Universidade de Aveiro, Portugal.

Anexos

Anexo I

Inquérito aos alunos do curso de Bacharelato do Instituto Superior de Línguas Estrangeiras de Hunan – Changsha (1º e 2º Anos)

1. Nome (名字): _____
2. Nacionalidade (国籍): _____
3. Idade (年纪): _____
4. Sexo (性别): Masculino (男) Feminino (女)
5. Naturalidade - Cidade e Província (出生城市和省份): _____

6. Conhecimentos de Línguas (语言知识)
Língua Materna (母语): _____
1ª Língua estrangeira (第一外语): _____
Anos de estudo (学习时间): _____

2ª Língua estrangeira (第二外语): _____
Anos de estudo (学习时间): _____

3ª Língua estrangeira (第三外语): _____
Anos de estudo (学习时间): _____

7. Tinha conhecimentos de português antes de ingressar no curso? (在学习这个课程之前有了解葡萄牙语吗?):
 Sim (有) Não (没有)

8. Quais os motivos que o levaram a aprender português. (为什么学习葡语?)
a) _____
b) _____
c) _____

9. Saídas Profissionais (专业出路).
9.1) Pretende usar português no seu futuro profissional? (打算在将来使用专业葡语吗?)
 Sim (要) Não (不要)

9.2) Se respondeu sim, para quê? (如果回答是, 做什么?)

- 9.3) Se respondeu não, indique porquê. (如果回答否, 为什么?)

- 9.4) Pretende continuar a viver na China após concluir o curso? (打算毕业以后继续在中国生活吗?)
 Sim (要) Não (不要)

9.5) Se respondeu não, indique um país para onde gostaria de emigrar. (如果回答否指出你想移民的国家。) _____

9.6) Indique uma ou duas opções de trabalho que gostaria de realizar após terminar o curso. (指出一种或两种在你结束你的课程之后想要选择的工作。)

A. Exercer um cargo público (trabalhar num Ministério, numa embaixada, consulado, alfândega, etc) 从事于政府工作 (在政府部门, 大使馆, 领事馆, 海关等。)

B. Trabalhar numa empresa privada com ligações aos países de língua portuguesa. 在一家和葡语国家有关联的私企工作

C. Montar o seu próprio negócio. (创业)

D. Ser professor (当老师)

10. Aprendizagem de português. (学习葡语)

10.1) Está satisfeito com o curso de português? (对于现在的葡语课程满意吗?)

Sim (是)

Não (不是)

10.2) Se respondeu afirmativamente, indique as razões. (如果回答肯定 请给出原因。)

10.3) Se respondeu negativamente, explique porquê. (如果回答否, 请给出一个原因。)

10.4) Pretende continuar a estudar português? (打算继续学习葡语吗?)

Sim (要)

Não (不要)

10.5) Gostaria de mudar de curso? (愿意换课程吗?)

Sim (要)

Não (不要)

10.6) Acha que o n.º de aulas de português por semana é suficiente? (你认为一周的葡语课程对你来说足够吗?)

Sim (对)

Não (不对)

10.7) Considera que os manuais/recursos utilizados são suficientes para desenvolver os seus conhecimentos de língua portuguesa? (你认为那些现所用的材料和资源对你学习葡萄牙语的知识足够吗?)

Sim (是)

Não (不是)

10.8) Considera as explicações teóricas claras e suficientes? (你认为清晰的葡语的理论知识对你来说足够吗?)

Sim (是)

Não (不是)

10.9) Pensa que as propostas de trabalho práticas são suficientes? (你认为这个工作有实用的前景吗?)

Sim (是)

Não (不是)

10.10) Se respondeu negativamente, indique porquê. (如果回答否定, 请指出为什么。)

10.11) Na aula de português, que exercícios / atividades lhe parecem mais eficazes para aprender a língua? (您认为在葡语课上, 哪些练习或活动对学习语言更有效果?)

10.12) O nº de alunos nas aulas de Oralidade interfere com a aprendizagem? (口语课上人数的多少影响上课的效率吗?)

Sim (是)

Não (不是)

10.13) Se respondeu afirmativamente, explique porquê. (如果回答肯定, 请给出原因。)

10.14) Na sua opinião, quais os aspetos a serem melhorados no plano do curso? (在你看来, 哪些因素可以更好的完善将来的课程?)

10.15) A que estratégias recorre para a aprendizagem do português? (pode dar mais do que uma resposta) – (你用什么方式学习葡语, 可以给出多个回答。)

a. memorizar e recitar (记忆和理解)

b. consultar dicionários, gramáticas e livros (查字典, 语法书和教科书)

c. falar com os docentes chineses em português (用葡语和中文老师交流)

d. falar com os leitores de português (和葡语外教交流)

e. falar com os colegas em português (和同学用葡语交流)

f. falar com outros nativos de língua portuguesa (与其他葡语国家的人交流)

g. ver filmes em português (看葡语电影)

h. ouvir música em português (听葡语歌曲)

i. aulas privadas (培训课)

11. Dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa. (学习葡语的困难)

11.1) Considera a aprendizagem de português fácil? (你认为学习葡语是简单吗?)

Sim (是)

Não (不是)

11.2) Considera a aprendizagem de português mais fácil do que a de inglês? (你认为学习葡语比英语简单吗?)

Sim (是)

Não (不是)

11.3) Para si, quais são as principais dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa? (对你来说, 那些是学习葡语的主要困难?)

a. _____

b. _____

c. _____

12. Para além das aulas de português, em que outras circunstâncias é que se expressa em português? (除了葡语课之外, 还可以在哪些情况下使用葡语?)

Anexo II

Inquérito aos alunos do curso de Bacharelato do Instituto Superior de Línguas Estrangeiras de Hunan – Changsha

3º Ano – Alunos a realizar estágio

10. Nome: _____
11. Nacionalidade: _____
12. Idade: _____
13. Sexo: _____
14. Naturalidade (Cidade e Província): _____
15. Conhecimentos de Línguas
- Língua Materna: _____
- 1ª Língua estrangeira: _____ Anos de estudo _____
- 2ª Língua estrangeira: _____ Anos de estudo _____
- 3ª Língua estrangeira: _____ Anos de estudo _____
16. Tinha conhecimentos de português antes de ingressar no curso? _____
17. Quais os motivos que o levaram a aprender português.
- a) _____
- b) _____
- c) _____
18. Saídas Profissionais.
- Neste momento, encontra-se a realizar estágio.
- Indique a empresa, a cidade e o país onde se encontra a realizar estágio.
- _____
- 11.1) Usa português no seu trabalho?
- Sim Não
- 11.2) Pensa que tem perspetivas de trabalho na empresa onde se encontra, após concluir o estágio?
- Sim Não
- _____
- 11.3) Se respondeu afirmativamente, explique.
- _____
- 11.4) Se respondeu negativamente, explique.
- _____

11.5) Quais são as principais dificuldades que enfrenta no seu trabalho em relação ao uso da língua portuguesa?

11.6) O que faz para ultrapassar essas dificuldades? _____

11.7) Considera que o curso o/a preparou bem para o mercado de trabalho e funções que desempenha neste momento?

Sim Não

11.8) Se respondeu afirmativamente, explique como.

11.9) Se respondeu negativamente, por favor, indique algumas sugestões sobre o que poderia ser melhorado no plano de estudos do curso de português.

11.10) Encontra-se a estagiar num País de Língua Oficial Portuguesa, classifique o uso de português no seu dia-a-dia (escolha apenas uma opção).

- a) Não uso _____
- b) Apenas em contexto laboral _____
- c) Pouco (vida pessoal/laboral) _____
- d) Bastante (vida pessoal/laboral) _____

11.11) Quais são as suas perspetivas em relação ao mercado de trabalho?

11.12) O que pretende fazer quando terminar o estágio?

19. Aprendizagem de português.

10.1) Está satisfeito com o curso de português?

Sim Não

10.2) Se respondeu sim, explique porquê.

10.3) Se respondeu não, explique porquê.

10.4) Pretende continuar a estudar português? (Pós-Graduação, mestrado, doutoramento, outro) _____

10.5) Se sim, indique qual? _____

10.6) Se não, porquê? _____

10.7) Acha que o n.º de aulas de português por semana foi suficiente?

Sim Não

10.8) Considera que os manuais/recursos utilizados foram suficientes para desenvolver os seus conhecimentos de língua portuguesa?

Sim Não

10.10) Considera as explicações teóricas claras e suficientes?

Sim Não

10.11) Pensa que as propostas de trabalho práticas foram suficientes?

Sim Não

10.12) Se respondeu negativamente, indique porquê. _____

10.13) Na aula de português, que exercícios / atividades lhe pareceram mais eficazes para aprender a língua? _____

10.14) O nº de alunos nas aulas de Oralidade interferiu com a aprendizagem?

Sim Não

10.15) Se respondeu afirmativamente, explique porquê.

Se respondeu negativamente, explique.

10.16) Na sua opinião, quais os aspectos a serem melhorados no plano do curso? _____

10.17) A que estratégias recorre para a aprendizagem do português? (pode assinalar mais do que uma resposta)

a. memorizar e recitar

b. consultar dicionários, gramáticas e livros

c. falar com os docentes chineses em português

- d. falar com os leitores de português
- e. falar com os colegas em português
- f. falar com outros nativos de língua portuguesa
- g. ver filmes em português
- h. ouvir música em português
- i. aulas privadas

20. Dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa.

12.1) Considera a aprendizagem de português fácil ou difícil? _____

12.2) Considera a aprendizagem de português mais fácil do que a de inglês? _____

12.3) Para si, quais são as principais dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa?

d. _____

e. _____

f. _____

13. Enquanto estudante, para além das aulas de português, em que outras circunstâncias é que se expressava em português?

**Anexo III - Resultados dos Inquéritos do
1ºe 2º Anos**

N.º Questão	Respostas	N.º Alunos					
		1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	Total de Alunos	Total %
1. Nome		114	100%	48	100%	162	100%
2. Nacionalidade	Nacionalidade Chinesa	114	100%	48	100%	162	100%
3. Idade		1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %		
	16 anos	1	0,9%	0	0%		
	17 anos	0	0%	0	0%		
	18 anos	29	25,4%	0	0%		
	19 anos	56	49,1%	6	12,5%		
	20 anos	27	23,7%	27	56,3%		
	21 anos	1	0,9%	13	27,1%		
	22 anos	0	0%	1	2,1%		
	23 anos	0	0%	1	2,1%		
	Média de idades	19	100%	20	100%		
4. Sexo	Masculino	14	12,30%	5	10,40%	19	11,70%

	Feminino	100	87,70%	43	89,60%	143	88,30%
--	----------	-----	--------	----	--------	-----	--------

5. Naturalidade	Província	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	Total (1º e 2º Ano)	%
	Cantão	5	4,4%	1	2,1%	6	3,7%
	Gangxi	1	0,9%	1	2,1%	2	1,2%
	Guizhou	2	1,8%	1	2,1%	3	1,9%
	Hebei	1	0,9%	0	0%	1	0,6%
	Hubei	4	3,5%	2	4,2%	6	3,7%
	Hunan	93	81,6%	32	66,7%	125	77,2%
	Jiangxi	0	0%	1	2,1%	1	0,6%
	Sichuan	7	6,1%	8	16,7%	15	9,3%
	Yunnan	0	0%	1	2,1%	1	0,6%
	Não respondeu	1	0,9%	1	2,1%	2	1,2%
	Total	114	100%	48	100%	162	100,0%

6. Conhecimentos de Línguas	Língua	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	Total (1º e 2º Ano)	% Total
6.1) Língua Materna	Mandarim	110	96%	47	98%	157	97%
	Cantonês	4	4%	1	2%	5	3%

6.2) 1ª Língua Estrangeira	Língua	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	Total (1º e 2º Ano)	% Total
	Inglês	114	100%	48	100%	162	100%

6.2.1) Anos de Aprendizagem de Inglês	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %
3 anos	1	0,9%	0	0%
4 anos	1	0,9%	0	0%
5 anos	1	0,9%	1	2,1%
6 anos	16	14,0%	4	8,3%
7 anos	44	38,6%	4	8,3%
8 anos	2	1,8%	21	43,8%
9 anos	4	3,5%	7	14,6%
10 anos	16	14,0%	5	10,4%
11 anos	18	15,8%	2	4,2%
12 anos	1	0,9%	1	2,1%
13 anos	2	1,8%	0	0%
14 anos	0	0%	1	2,1%
Não respondeu	8	7%	2	4,2%
Total	114	100%	48	100%

6.3) 2ª Língua Estrangeira	Língua	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	Total (1º e 2º Ano)	% Total
	Coreano	2	1,8%	0	0%	2	1,20%
	Espanhol	0	0%	1	2,1%	1	0,60%
	Francês	0	0%	1	2,1%	1	0,60%
	Japonês	2	1,8%	0	0%	2	1,20%
	Português	110	96,5%	46	95,9%	156	96,30%
	Total	114	100%	48	100%	162	

6.4) 3ª Língua Estrangeira	Língua	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	Total (1º e 2º Ano)	% Total
	Coreano	3	2,60%	0	0%	3	1,9%
	Espanhol	0	0%	2	4,2%	2	1,2%
	Francês	0	0%	0	0%	0	0%
	Japonês	12	10,50%	2	4,2%	14	8,6%
	Português	4	0,87%	2	4,2%	6	3,7%
	Total	19	----	6	----	----	
	Total turma	114	16,70%	48	12,50%	162	15,4%

7. Conhecimentos de Português antes de ingressar no curso	1º Ano	2º Ano	Total (1º e 2º Ano)	Percentage m
Sim	0	0	0	0%
Não	114	48	162	100%

8. Motivos para a escolha do curso de Português	1º Ano	2º Ano
Ganhar muito dinheiro*	62	20
Boa qualidade do grupo docente	0	1
Emigrar / Trabalhar noutro país	3	2
Estudar outra língua estrangeira	1	5
Filmes em Língua Portuguesa	1	1
Gostar da Língua Portuguesa **	13	6
Gostar de estudar línguas	9	13
Gostar de Portugal e do Brasil (país e cultura)	0	3
Poder comunicar com estrangeiros	1	4
Português é fácil / mais fácil do que outras línguas	2	2
Português é interessante	10	5
Querer conhecer a cultura portuguesa	2	9

Querer visitar e/ou viver no Brasil***	12	6
Ter interesse em conhecer a cultura dos PLOP	1	1
Ter interesse em conhecer culturas estrangeiras	2	8
Ter uma boa vida	4	1
Trabalho / Arranjar um bom emprego no futuro	31	26
viajar / conhecer outros países****	9	7
dar uma vida melhor aos pais	1	0
Encorajado / Aconselhado por professores		1
Familiar com empresa em Angola	1	0
Familiar com empresa no Brasil	1	0
Gostar da história e cultura Portuguesa		1
Gostar de Futebol****	2	1
Gostar de Portugal	3	0
Gostar do CR e poder falar com ele um dia	1	0
Ir a Angola	4	0
Ir a Portugal	7	5
Ir ao Brasil e a Portugal	5	3
Ir para Angola ou Portugal	1	0
Ir para o Brasil, Portugal e Angola	2	0
poder trabalhar no estrangeiro	1	0
Português é uma língua bonita	12	0
Português é uma língua diferente	1	0
Português é uma língua pouco estudada na China	1	1
Português é uma língua útil / importante	30	0
Querer assistir aos Jogos Olímpicos no Brasil	2	0
ser professor	1	0
ser professor ou tradutor	1	0
Ser tradutor ou guia	1	0
Ter interesse em conhecer homens portugueses	0	1
Tornar-se tradutor	15	2

Trabalhar em Angola	2	0
Trabalhar em Angola ou no Brasil	2	0
Não respondeu	6	1
*para ajudar os pais	4	1
** Gostou de português desde o momento que ouviu na rádio		1
*** Para ver futebol	0	1
**** Viajar com os pais	1	0
Total de respostas	266	136

9. Saídas Profissionais

9.1) Usar português no futuro profissional	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	Total (1º e 2º Ano)	Total %
Sim	107	93,9%	46	95,8%	153	94,4%
Não	7	7,1%	2	4,2%	9	5,6%
Total	114	101%	48	100%	162	100%

9.2) Resposta afirmativa - Para quê?	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	Total (1º e 2º Ano)	Total %
Engenheiro / Secretário	1	0,9%	0	0%	1	0,65%
Escriturário / Secretário	1	0,9%	0	0%	1	0,65%
Fazer negócios	1	0,9%	0	0%	1	0,65%
Guia	2	1,9%	0	0%	2	0,65%
Intérprete / Fazer negócios	1	0,9%	0	0%	1	0,65%
Montar o seu próprio negócio	1	0,9%	0	0%	1	0,65%
Professor	14	13,1%	1	2,2%	15	9,80%
Recursos Humanos	0	0%	1	2,2%	1	0,65%
Trabalhar na alfândega	1	0,9%	0	0%	1	0,65%

Trabalhar numa empresa ligada aos PLOP	2	1,9%	0	0%	2	1,30%
Trabalhar numa empresa privada	2	1,9%	0	0%	2	1,30%
Tradutor / Comércio exterior	1	0,9%	0	0%	1	0,65%
Tradutor / Guia	1	0,9%	0	0%	1	0,65%
Tradutor / Intérprete	65	60,8%	33	71,7%	98	64,10%
Tradutor / Vendedor	1	0,9%	0	0%	1	0,65%
Tradutor ou Fazer Negócios	1	0,9%	0	0%	1	0,65%
Tradutor ou Professor	8	7,5%	3	6,5%	11	7,20%
Tradutor ou Secretário	0	0%	1	2,2%	1	0,65%
Não respondeu	4	3,7%	7	15,2%	11	7,20%
Total	107	100%	46	100%	153	99,35%

9.3) Resposta negativa - Porquê?	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	Total (1º e 2º Ano)	Total %
Considerar o seu nível de português baixo	4	57%	1	50%	5	55,60%
Estudar português é muito caro	1	14,30%	0	0%	1	11,10%
Não respondeu	2	28,60%	1	50%	3	33,30%
Total	7	100%	2	100%	9	100%

9.4) Continuar a viver na China após concluir o curso.	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	1º e 2º Ano	Total %
Sim	76	66,7%	36	75%	112	69,1%
Não	38	33,3%	12	25%	50	30,9%
Total	114	100%	48	100%	162	100%

9.5) Resposta negativa - Indique o país para onde pretende emigrar	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	1º e 2º Ano	Total %
Portugal	9	23,68%	2	16,7%	11	22,0%
Angola	8	21,05%	0	0%	8	16,0%
Brasil	7	18,42%	1	8,3%	8	16,0%
U.S.A.	3	7,89%	1	8,3%	4	8,0%
Angola ou Brasil	2	5,26%	5	41,7%	7	14,0%
Portugal ou Brasil	2	5,26%	1	8,3%	3	6,0%
Ainda não sabe	2	5,26%	1	8,3%	3	6,0%
Angola ou Portugal	1	2,63%	0	0%	1	2,0%
Angola, Brasil ou Portugal	1	2,63%	0	0%	1	2,0%
França	1	2,63%	0	0%	1	2,0%
Qualquer PLOP	1	2,63%	1	8,3%	2	4,0%
Não respondeu	1	2,63%	0	0%	1	2,0%
Total	38	100,00%	12	100%	50	100%

9.6) Trabalho que gostaria de realizar após o curso	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	1º e 2º Ano	Total %
A - Exercer um cargo público (trabalhar num Ministério, numa embaixada, consulado, alfândega, etc.)	49	43%	24	50%	73	45,1%
B - Trabalhar numa empresa privada com ligações aos PLOP	89	78,10%	42	87,50%	131	80,9%
C - Montar o seu próprio negócio	22	19,30%	5	10,40%	27	16,7%
D - Ser professor	43	37,70%	11	23%	54	33,3%
Total de alunos que respondeu	114		48		162	100,0%

10. Aprendizagem de português						
10.1) Satisfação com o curso	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	1º e 2º Ano	Total %
Sim	81	71,1%	30	62,5%	111	68,5%
Não	31	27,2%	18	37,5%	49	30,2%
Não respondeu	2	1,8%	0	0%	2	1,2%
Total	114	100%	48	100%	162	100%

10.2) Resposta afirmativa - Justifique.	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	1º e 2º Ano	Total %
aprendizagem variada / conhecimentos interessantes e úteis	21	25,9%	14	46,7%	35	31,5%
Satisfação com o corpo docente	38	46,9%	12	40,0%	50	45,0%
gostar de aprender português e conhecer a sua utilidade	1	1,2%	2	6,7%	3	2,7%
gostar de português e da cultura portuguesa	1	1,2%	1	3,3%	2	1,8%
Fez boas amizades no curso	0	0,0%	1	3,3%	1	0,9%
O facto de ter professores nativos com quem falar	0	0,0%	1	3,3%	1	0,9%
poucas aulas	0	0,0%	1	3,3%	1	0,9%
nº de aulas e facilidade do curso	3	3,7%	0	0,0%	3	2,7%
bom ambiente de aprendizagem	2	2,5%	0	0,0%	2	1,8%
curso de português é divertido	2	2,5%	0	0,0%	2	1,8%
muitos exercícios e capacidade de recordar muito vocabulário	1	1,2%	0	0,0%	1	0,9%
satisfação com a aprendizagem de culturas estrangeiras	1	1,2%	0	0,0%	1	0,9%
Não respondeu	21	25,9%	2	6,7%	23	20,7%
Total de respostas	91	---	34	---	---	---
Total de alunos que respondeu afirmativamente	81	---	30	---	111	---

10.3) Resposta negativa - Justifique.	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	1º e 2º Ano	Total %
Poucas aulas / aulas insuficientes	7	23,3%	6	33,3%	13	27,1%
insatisfação com os métodos de ensino de audição	1	3,3%	0	0%	1	2,1%
leitores ensinam pouco	1	3,3%	0	0%	1	2,1%
muitas pessoas por turma	1	3,3%	0	0%	1	2,1%
Os manuais usados não suficientes	1	3,3%	1	5,6%	2	4,2%
Não respondeu	19	63,3%	11	61,1%	30	62,5%
Total	30	100%	18	100%	48	100,1%

10.4) Pretende continuar a estudar português?	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	1º e 2º Ano	Total %
Sim	111	97,40%	48	100%	159	98,1%
Não	3	2,60%	0	0%	3	1,9%
Total	114	100,00%	48	100%	162	100%

10.5) Gostaria de mudar de curso?	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	1º e 2º Ano	Total %
Sim	10	8,8%	7	14,6%	17	10,5%
Não	104	91,2%	41	85,4%	145	89,5%
Total	114	100%	48	100%	162	100%

10.6) Acha que o n.º de aulas por semana é suficiente?	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	1º e 2º Ano	Total %
Sim	29	25,4%	9	18,8%	38	23,5%

Não	84	73,7%	39	81,3%	123	75,9%
Não respondeu	1	0,9%	0	0,0%	1	0,6%
Total	114	100%	48	100%	162	100%

10.7) Considera que os manuais/recursos utilizados são suficientes para desenvolver os seus conhecimentos de língua portuguesa?	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	1º e 2º Ano	Total %
Sim	15	13,2%	12	25%	27	16,7%
Não	98	86,0%	36	75%	134	82,7%
Não respondeu	1	0,9%	0	0%	1	0,6%
Total	114	100%	48	100%	162	100%

10.8) Considera as explicações teóricas claras e suficientes?	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	1º e 2º Ano	Total %
Sim	43	37,7%	26	54,2%	69	42,6%
Não	68	59,6%	20	41,7%	88	54,3%
Não respondeu	3	2,6%	2	4,2%	5	3,1%
Total	114	100%	48	100%	162	100%

10.9) Pensa que as propostas de trabalho práticas são suficientes?	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	1º e 2º Ano	Total %
Sim	108	94,7%	47	97,9%	155	95,7%
Não	6	5,3%	1	2,1%	7	4,3%
Total	114	100%	48	100%	162	100%

10.10) Na aula de português, que exercícios/atividades lhe parecem mais eficazes para aprender a língua?	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	1º e 2º Ano	Total %
fazer diálogos / conversar com os colegas	26	20,3%	19	28,4%	45	23,1%
fazer jogos	22	17,2%	16	23,9%	38	19,5%
ver filmes e ouvir música	29	22,7%	13	19,4%	42	21,5%
fazer debates	1	0,8%	9	13,4%	10	5,1%
falar / interagir com os professores ou leitores	26	20,3%	5	7,5%	31	15,9%
falar sobre a cultura e tradição dos PLOP	10	7,8%	1	1,5%	11	5,6%
Fazer fichas de exercícios	3	2,3%	1	1,5%	4	2,1%
memorizar / recitar vocabulário e textos	3	2,3%	1	1,5%	4	2,1%
fazer concursos	0	0,0%	1	1,5%	1	0,5%
contar uma história	0	0,0%	1	1,5%	1	0,5%
fazer exames	3	2,3%	0	0,0%	3	1,5%
ler	3	2,3%	0	0,0%	3	1,5%
descrever imagens	1	0,8%	0	0,0%	1	0,5%
ouvir diálogos	1	0,8%	0	0,0%	1	0,5%
Total de respostas	128	100%	67	100%	195	100%
Não Respondeu	36		7		43	

10.12) O nº de alunos nas aulas de Oralidade interfere com a aprendizagem?	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	1º e 2º Ano	Total %
Sim	53	46,5%	31	64,6%	84	51,9%
Não	60	52,6%	16	33,3%	76	46,9%
Não respondeu	1	0,9%	1	2,1%	2	1,2%
Total	114	100%	48	100%	162	100%

10.13) Resposta afirmativa? - Explique porquê.	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	1º e 2º Ano	Total %
---	---------------	-----------------	---------------	-----------------	--------------------	----------------

Total	53	100%	31	100%	84	100%
-------	----	------	----	------	----	------

poucas oportunidades para falar	24	45,3%	20	64,5%	44	52,4%
impossibilita uma boa aprendizagem	4	7,5%	0	0,0%	4	4,8%
o professor não consegue certificar-se de que todos aprendem bem	3	5,7%	1	3,2%	4	4,8%
muitas pessoas torna a aula aborrecida	2	3,8%	0	0,0%	2	2,4%
afeta os leitores e a sua maneira de conduzir a aula	1	1,9%	0	0,0%	1	1,2%
mau comportamento / falta de seriedade de alguns alunos	1	1,9%	0	0,0%	1	1,2%
dificulta a concentração dos alunos	1	1,9%	0	0,0%	1	1,2%
o professor não consegue conhecer bem os alunos	0	0,0%	1	3,2%	1	1,2%
muito barulho na sala de aula	0	0,0%	1	3,2%	1	1,2%
Não respondeu	17	32,1%	8	25,8%	25	29,8%

10.13) Resposta afirmativa? - Explique porquê.	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	1º e 2º Ano	Total %
poucas oportunidades para falar	24	45,3%	20	64,5%	44	52,4%
impossibilita uma boa aprendizagem	4	7,5%	0	0,0%	4	4,8%
o professor não consegue certificar-se de que todos aprendem bem	3	5,7%	1	3,2%	4	4,8%
muitas pessoas torna a aula aborrecida	2	3,8%	0	0,0%	2	2,4%
afeta os leitores e a sua maneira de conduzir a aula	1	1,9%	0	0,0%	1	1,2%
mau comportamento / falta de seriedade de alguns alunos	1	1,9%	0	0,0%	1	1,2%
dificulta a concentração dos alunos	1	1,9%	0	0,0%	1	1,2%
o professor não consegue conhecer bem os alunos	0	0,0%	1	3,2%	1	1,2%
muito barulho na sala de aula	0	0,0%	1	3,2%	1	1,2%
Não respondeu	17	32,1%	8	25,8%	25	29,8%

Total	53	100%	31	100%	84	100%
-------	----	------	----	------	----	------

10.14) Na sua opinião, quais os aspectos a serem melhorados no plano do curso	1º Ano	2º Ano
Mais diálogos	9	1
Mais oportunidades para falar com os leitores	9	2
Aulas de oralidade	8	7
Aulas de gramática, oralidade e audição	7	0
filmes	6	0
Mais oportunidades para cada aluno se expressar na aula	5	1
ouvir mais músicas em português	4	0
interacção entre os alunos	3	0
Maior interacção entre professor e aluno	3	0
mais gramática	3	0
Mais informação sobre os PLOP e suas culturas	3	2
Aulas de gramática e oralidade	2	0
Aulas mais interactivas / mais interessantes	2	1
Haver mais aulas de português	2	2
Jogos interactivos	2	3
Mais actividades práticas	2	0
Mais actividades de leitura	2	0
Mais exercícios e TPC's interessantes	2	0
Mais oportunidades para falar com os docentes chineses em português	2	0
aulas de audição	1	0
Aulas de audição, oralidade, leitura e escrita	1	1
Aulas de gramática e audição	1	4
Aulas de oralidade e audição	1	0

fazer ditados	1	0
Ler textos e ouvir diálogos	1	0
mais oportunidades para memorizar/recitar na aula	1	0
outras aulas no plano de estudos que não as de português não são úteis	1	0
Plano de estudos e conteúdos programáticos mais claros e objectivos	1	2
previsualização dos textos a dar na aula	1	0
professor diferente para cada disciplina	1	0
Disciplina de "Comércio em Português"	0	8
Disciplina de "Turismo"	0	4
escrita prática	0	1
explicações mais adequadas para vocabulário mais complexo	0	1
Mais debates	0	1
Mais horas de audição e oralidade	0	1
Mais variedade de disciplinas em português	0	2
Melhores métodos de ensino	0	1
Planos de disciplina e aula mais adequados aos alunos	0	1
Trabalhos de grupo em que cada grupo apresenta um tópico	0	1
Tradução	0	1
ver vídeos e pedir aos estudantes que contem a história	0	1
não respondeu	49	12

10.15) A que estratégias recorre para a aprendizagem do português? (Pode dar mais do que uma resposta)	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %
a. Memorizar e recitar.	106	93,8%	42	87,5%
b. Consultar dicionários, gramáticas e livros.	100	88,5%	30	62,5%
h. Ouvir música em português.	87	77,0%	38	79,2%
g. Ver filmes em português.	64	56,6%	28	58,3%

e. Falar com os colegas em português.	57	50,4%	21	43,8%
d. Falar com os leitores portugueses.	46	40,7%	29	60,4%
c. Falar com os docentes chineses em português.	20	17,7%	12	25,0%
f. Falar com outros nativos de língua portuguesa.	11	9,7%	21	43,8%
i. Aulas privadas.	5	4,4%	0	0,0%
Não respondeu	1	---	0	---
Total de alunos que respondeu	113	---	48	---

11. Dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa.						
11.1) Considera a aprendizagem de português fácil ou difícil?	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	1º e 2º Ano	Total %
Fácil	52	45,61%	31	64,58%	83	51,2%
Difícil	54	47,37%	14	29,17%	68	42,0%
Não respondeu	5	4,39%	0	0,00%	5	3,1%
Assim Assim	3	2,63%	3	6,25%	6	3,7%
Total	114	100%	48	100%	162	100%

11.2) Considera a aprendizagem de português mais fácil do que a de inglês?	1º Ano	1º Ano %	2º Ano	2º Ano %	1º e 2º Ano	Total %
Sim	69	60,5%	34	70,8%	103	63,6%
Não	45	39,5%	14	29,2%	59	36,4%
Não respondeu	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
Total	114	100%	48	100%	162	100%

11.3) Para si, quais são as principais dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa?	1º Ano	2º Ano
Gramática muito complexa	80	20
Audição	32	17
oralidade / expressão oral	26	9
conjugações Verbais	23	2
memorizar vocabulário	10	0
Vocabulário	10	10
poucas oportunidades para falar em português	8	3
memorizar e recitar	6	1
diferenças culturais China - PLOP	5	2
o género das palavras	4	0
poucas oportunidades para falar com os leitores portugueses	3	1
Pronúncia	3	4
Ser preguiçoso (não estudar o suficiente)	3	2
ser tímido	3	0
falta de oportunidade para comunicar com outros nativos	2	0
influência do inglês	2	0
não entender o professor / professor fala demasiado rápido	2	0
escrita	1	0
falta de concentração	1	1
medo de comunicar com os leitores em português	1	1
medo de comunicar em português	1	0
medo de errar	1	0
nervosismo	1	1
pouca informação leccionada	1	1
poucas aulas	1	0
pouco tempo para estudar português	1	0

às vezes sentir-se aborrecido nas aulas de português	0	1
memorizar o vocabulário	0	9
Falta de recursos / ambiente para falar português	0	8
falta de vontade de comunicar em português	0	1
Não respondeu	9	0
Total de respostas	240	94

12. Para além das aulas de português, em que outras circunstâncias é que se expressa em português?	1º Ano	2º Ano
Falar com outros nativos de língua portuguesa	11	32
Falar com os colegas de curso em português / outros alunos de português	60	21
Trabalho em part-time como tradutora de chinês-português		2
nas redes sociais & chats	5	0
cantar músicas em português	1	0
conversar com familiares que falam português	1	0
Falar com os leitores e professores chineses depois das aulas	26	5
Fazer traduções		1
monologar	1	0
Não respondeu	33	5
Ao fazer o TPC	0	2
Total de respostas	138	68

Anexo IV

Resultados dos inquéritos dos alunos a estagiar em Angola

Questão	N.º Alunos	
1. Nome		
2. Nacionalidade	Chinesa	5
3. Idade	20 anos	1
	21 anos	1
	22 anos	2
	24 anos	1
	Média de idades	21,8
4. Sexo	Feminino	5
	Masculino	0
5. Naturalidade	Província	
	Hubei	2
	Hunan	2
	Sanxi	1
6. Conhecimentos de Línguas		
Língua Materna	Mandarim	5
1ª Língua Estrangeira	Inglês	5
Anos de estudo	3 anos	1
	6 anos	1
	9 anos	1
	10 anos	2
	Média	7,6
2ª Língua Estrangeira	Português	5
7. Conhecimentos de L.P. Antes de ingressar no curso		
	Sim	0
	Não	5
8. Quais os motivos que o levaram a aprender português		
	Gostar de aprender línguas estrangeiras	2
	Boas perspectivas de emprego	2

	Ter interesse pelas Culturas de Portugal e do Brasil		1
	Ter intenção de trabalhar no estrangeiro		1
	Ter interesse por português		1
	Querer viajar em Portugal e Brasil		1
	Perspectiva de um salário elevado		2
	Por sugestão do irmão		1
	Há poucas pessoas na China a estudar português		1
	Querer conhecer Portugal, Angola e o Brasil		1
	Ter interesse pela Língua e Cultura Portuguesa		1
	Gostaria de viver em Portugal		1
9. Empresa	CGC (Luanda)		2
	Kangli, Beijing Biological Technology Co., Ltd. (Luanda)		2
	Citic (Luanda)		1
9.1) Usa português no seu trabalho?			
	Sim		5
	Não		0
9.2) Pensa que tem perspectivas de trabalho, após concluir o estágio, na empresa onde se encontra?			
	Sim		5
	Não		0
9.3) Se respondeu afirmativamente, indique porquê.			
1) "Sim. A empresa está a expandir os negócios para mais províncias da Angola, e precisa duma grande quantidade de tradutores e pessoal administrativo."			

2) "Sim, acho que posso aperfeiçoar o meu português e aprender muito sobre a construção."		
3) "Sim, eu preciso praticar português na Angola e estudar conhecimentos de construção."		
4) "Sim, porque a empresa que estou tem o futuro que posso ganhar dinheiro e experiências."		
5) "Sim, porque estou a trabalhar na minha empresa posso estudar mais. Fornece uma oportunidade fala português, posso aproveitar esta oportunidade. A minha empresa é grande tem uma boa perspectiva na Angola."		
9.3) Principais dificuldades que enfrenta no seu trabalho em relação ao uso da língua portuguesa.		
1) "Hábitos de linguagem angolanos e dialectos locais."		
2) "Audição, porque os angolanos falam muito rápido e a forma de pronúncia é diferente em diferentes regiões."		
3) "Quando uso palavras de verbo precisa mudar e quando traduzo documentos de Português para Chinês."		
4) "Não conheço muitas palavras de construção."		
5) "O vocabulário profissional sobre construção."		
9.4) O que faz para ultrapassar essas dificuldades?		
a) "Mais intercâmbios com as pessoas locais no tempo livre."		
b) "Eu falei com mais com pessoa local, ouvi rádio de Angola, li jornal de Angola."		
c) "Praticar sempre."		
d) "Vejo livro de construção, falo com angolanos."		
e) "Falei muito com os fiscais de obra e perguntei muito aos meus colegas."		

9.5) Considera que o curso o preparou bem para o mercado de trabalho e funções que desempenha neste momento?	
Sim	3
Não	2
9.6) Se respondeu afirmativamente, explique como.	
a. "Já aprendi sistematicamente o básico do português na universidade e a gramática principal já usada habilmente na vida, só recitei e expandi o vocabulário da área medicinal e o conhecimento médico depois de começar o estágio." b. "Porque os conhecimentos que precisa usar no trabalho já dominei bem." c. Posso comunicar bem com os angolanos e posso ajudar o meu chefe para resolver os problemas."	
9.7) Se respondeu negativamente, indique algumas sugestões sobre o que poderia ser melhorado no plano de estudos do curso de português.	
a. Mais debates, concursos e criação de programas de intercâmbio em Macau, Brasil ou Portugal b. "Deve abrir Curso de conhecimentos de construção."	
9.8) Classifique o uso de língua portuguesa no seu dia-a-dia	
a - Não uso	0
b - Apenas em contexto laboral	0
c - Pouco (vida pessoal / social)	1
D - Bastante (vida pessoal / social)	4
9.9) Quais são as suas perspectivas em relação ao mercado de trabalho?	
a. "Agora volta muita pessoa quem pode conhecer português." b. "Estudar nos quaisquer tempo e lugares, além disso, manter lembrar mais palavras novas." c. "Se estuda muito bem, é muito fácil escolher trabalho." d. "Vou aperfeiçoar o meu português e conhecer bem a construção para ser uma gerente aqui."	
9.10) O que pretende fazer quando terminar o estágio?	
a. "Vou deixar a empresa para realizar outras carreiras com amigos ou família na Angola e considerarei também a possibilidade de ir para o Brasil para estudar e trabalhar."	

b. "Vou estudar português no Brasil ou em Portugal."		
c. "Assistente do médico na nossa empresa."	1	
d. "Primeiro eu trabalho em Angola por 2 anos, depois eu vou estudar português para em Portugal ou no Brasil"	1	
e. "Continuo a trabalhar na empresa para ser uma tradutora melhor."		
10. Aprendizagem de L.P.		
10.1) Está satisfeito com o curso de português?		
Sim		2
Não		3
10.2) Se respondeu afirmativamente, explique porquê.		
a) "Tenho a paixão e a confiança pelas coisas que eu gostaria, não importa difícil isso."		
b) "Porque gosto de comunicar com os colegas angolanos no diário, que posso fazer muito feliz."		
10.3) Se respondeu negativamente, explique porquê.		
a. O número de aulas de português não é suficiente.		
b. "As professoras ensinaram muito bem, mas 3 anos de estudo é muito curto para nós. Tenho que melhorar o meu português."		
b. Não respondeu	1	
10.4) Pretende continuar a estudar português? (Pós-graduação, mestrado, doutoramento, outro)		
Sim		4
Não		1
10.5) Se respondeu afirmativamente, indique qual?		

Pós-graduação	1
Não mencionou, mas quer fazê-lo em Portugal ou no Brasil	2
Não mencionou	1
10.6) Se respondeu negativamente, explique porquê. a. "Não, porque acho que não tem valor fazer isso, no tempo livre também podemos aprender com televisão, rádio ou ler livros portugueses."	
10.7) Acha que o n.º de aulas de L.P. Por semana foi suficiente? Sim Não	5
10.8) Considera que os manuais / recursos utilizados foram suficientes para desenvolver os seus conhecimentos de L. P.? Sim Não	5
10.9) Considera as explicações teóricas claras e suficientes? Sim Não	2 3
10.10) Pensa que as propostas de trabalho práticas foram suficientes? Sim Não	2 3
10.11) Se respondeu negativamente, indique porquê. a. "Deve de fazer adição até 30 por semana, manuais utilizados não são suficientes, pode comprar algum jornal de Angola ou revista portuguesa."	

b. "Nós também devemos estudar português local."

c. "Ainda tenho que aprender muito na prática."

10.12) Na aula de português, que exercícios / atividades lhe parecem mais eficazes para aprender L.P.?

a. diálogos situacionais 1

b. Falar com o leitor 2

c. Fazer diálogos e escrever 1

d. Fazer apresentações
sobre os países, cidades,
empresas, adivinhar enigmas
e ver filmes. 1

10.13) O n.º de alunos nas aulas de Oralidade interferiu com a aprendizagem?

Sim 2

Não 3

10.14) Se respondeu afirmativamente, justifique.

a) "As aulas de oralidade pode animado e alegrado pelos muitos alunos. A professora também pode dar aos poucos a correção mais cuidadosa."

b. "Ainda não adaptar e tem menos palavras na memória."

a. "Se quando nas aulas não gosta de falar, depois de ficar não dizer."

b. "Porque aulas de Oralidade é muito importante para nós, a nossa dificuldade é oralidade e audição em Angola."

10.16) Na sua opinião, quais os aspectos a serem melhorados no plano do curso?

a. "Adicionar mais prática oral"

b. "Adiciona aula de base de português, audição e língua falada."

c. "Adição de aulas de oralidade e audição."		
d. "Vocabulário sobre construção, gramática."		
b. Consultar dicionários, gramáticas e livros	4	
h. Ouvir música em português.	4	
a. Memorizar e recitar	3	
e. Falar com os colegas em português	3	
f. Falar com outros nativos de língua portuguesa.	3	
g. Ver filmes em português	3	
d. Falar com os leitores	2	
c. Falar com os docentes chineses em Português	1	
i. Aulas privadas		
Não respondeu	1	
11. Dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa.		
11.1) Considera a aprendizagem de português fácil ou difícil?		
Fácil		1
Difícil		2
"Mais ou menos"		2

11.2) Considera a aprendizagem do português mais fácil do que a de inglês?		
Sim		2
Não		2
"Quase"		1
11.3) Para si, quais são as principais dificuldades na aprendizagem da L.P.?		
a. Memorizar vocábulos	2	
b. A compreensão e utilização da gramática	1	
c. Os conhecimentos portugueses nas áreas diferentes.	1	
d. "dialectos locais" / "Vocabulários de diferentes territórios"	2	
e. Verbos	1	
f. Traduzir documentos formais	1	
g. "palavras especiais profissionais"	1	
h. Audição	1	
i. Gramática	2	
j. "as palavras mais longas"	1	
12. Enquanto estudante, para além das aulas de português, em que outras circunstâncias é que se expressa em português?		
Conversar com amigos estrangeiros	1	
Conversar com amigos no QQ	1	
Falar com os colegas	1	
Não entendeu a pergunta	2	* "Agora estou na Angola tem muitas circunstâncias expressava em português..."

** "Ler jornal, jogar alguns jogos de português."